

TOMORROW
PROJECT ANTHOLOGY

**UM DIA DA
MINHA VIDA
EM 2025**

BRASIL

José Silva
Lauro Elme
Paula Gomes
Luciel Ribeiro
Beatriz Vanzeto
Gerardo Furtado
Adnelson Campos
Isabella Verissimo
Marcelo Andrade Gavioli
Alexandre Oliveira Silva dos Santos
introdução por Gustavo Gennari

**UM DIA DA
MINHA VIDA
EM 2025**

BRASIL

Copyright © 2013 Intel. Todos os direitos reservados.

Os direitos autorais sobre cada conto ou cada um dos capítulos são de propriedade dos próprios autores. Nomes fictícios de empresas, produtos, pessoas, personagens e/ou informações mencionados aqui não têm a intenção de representar qualquer indivíduo, companhia, produto ou acontecimento. Outros nomes e marcas podem ser reivindicados como propriedade de terceiros.

Primeira impressão: Outubro de 2013

Índice

	Introdução
001.....	por Brian David Johnson
	Prefácio
008.....	por Gustavo Gennari
	Minha Segunda Chance
011.....	por Lauro Elme
	Um Dia Longo
022.....	por Gerardo Furtado
	Fill
036.....	por Paula Gomes
	Querida eu
044.....	por Isabella Verissimo
	A Cor dos seus Olhos
051.....	por Alexandre Oliveira Silva dos Santos
	Um Mundo de Cristal
063.....	por Adnelson Campos
	Cinco Cores em seu Cabelo
075.....	por Beatriz Vanzeto
	Polícia do Futuro
081.....	por Luciel Ribeiro
	Um Dia da Minha Vida em 2025
086.....	por José Silva
	2025: uma Nova Era para a Humanidade
099.....	por Marcelo Andrade Gavioli



INTRODUÇÃO

BRIAN DAVID JOHNSON

1.000

Eu passei as últimas 960 manhãs ao telefone com Joe Zawadsky. Joe é o motor que move o The Tomorrow Project. Sua paixão e seu entusiasmo permitem que nós levemos nossas conversas sobre o futuro para todas as partes do planeta. Joe coordena The Tomorrow Project há quatro anos. Conversamos permanentemente pelo telefone, todas as manhãs, para discutir a evolução de diversos projetos que tocamos em todo o mundo.

Nossas conversas geralmente são assim:

Joe Z.: “Olá. . .”

BDJ: “Bom dia, Joe Zawadsky!” (Sim, geralmente eu grito nessa hora porque é muito cedo e isso nos ajuda a acordar.)

Joe Z. [rindo]: “Bom dia, Brian. Como você está nesta manhã?”

BDJ: “Estou ótimo, Joe. Como vai você?”

É nesse ponto que eu percebo qual vai ser o tom da nossa conversa. Eu trabalhei com Joe há tempo suficiente para ser capaz de dizer como ele está pelo tom de sua voz e pelo seu jeito.

Eu posso adivinhar se ele está estressado por causa de um contrato jurídico ou se está preocupado por causa de um evento que está por vir, mas eu também posso

ver quando ele está entusiasmado. Eu adoro quando Joe está entusiasmado. Isso quer dizer que ele tem boas notícias.

Quando Joe se entusiasma, ele ri um pouco e gagueja antes de começar a falar. Essa é minha deixa para que participe do seu entusiasmo. Este ano, no The Tomorrow Project, tivemos uma série de boas notícias, como esta:

BDJ: “Como está indo o Tomorrow Project Brasil?”

Joe Z.: “Bem. . . [risada rápida e animada] Bem. . . veja só, Brian. Veja só. . . [risada rápida] Tivemos mais de 300 inscrições do Brasil. 300!!”

BDJ: “Uau! Que incrível!”

Joe Z.: “Se é! É REALMENTE incrível!”

BDJ: “E quantos contos recebemos até agora? Chegaram tantos desde o começo do ano. Quantos chegaram no total?”

Joe Z.: Bom, Brian . . . [risada rápida e animada] Estamos chegando bem perto de 1.000.”

CHEGANDO A 1.000

Este ano The Tomorrow Project ultrapassou uma marca que me deixa orgulhoso e muito impressionado. Nós passamos a marca de 1.000 inscrições. Cada uma delas revela a visão de futuro de pessoas que vivem em várias partes do planeta. A maioria delas são histórias de ficção científica baseadas em fatos científicos, enquanto outras são entrevistas, histórias em quadrinhos, filmes, obras de arte, ensaios, podcasts e opiniões particularmente entusiasmadas. Agora passamos de 1.000 inscrições e eu acho que isso é realmente incrível. Cada uma é uma visão pessoal, um comentário sobre o futuro que alguém deseja ou o futuro que quer

evitar. Essas pessoas compartilharam essas obras conosco e todos aqueles que podem ter interesse no futuro. 1.000. Quanta generosidade. Que incrível.

Desde o início, o objetivo do projeto foi um só: manter conversas sobre o futuro com base nos fatos e na Ciência. Colocar as pessoas para trocar ideias sobre os futuros que eles desejam e os futuros que elas querem evitar. E isso é tudo. Simplesmente criar conversas de modo que todos possamos ser participantes ativos de nosso futuro.

Esses diálogos têm sido promovidos em todo o mundo. Começamos na Alemanha, e estivemos nos Estados Unidos, na Inglaterra, no Brasil e na China - e nós mal começamos! Pelo caminho, nós conversamos com algumas pessoas realmente incríveis, de cientistas e engenheiros em plena atividade a escritores de ficção científica e gente comum que é apaixonada pelo futuro.

Estas 1.000 visões, em diferentes formas e idiomas, mostram como as pessoas estão engajadas na construção do nosso futuro. Elas aceitam o fato de que todos nós construímos o futuro a cada dia, e que essa construção depende de que todos tenhamos nossas visões desse futuro para que possamos trabalhar ativamente para torná-lo realidade.

Os humanos nunca construíram uma coisa incrível sem antes imaginá-la. Cada uma dessas 1.000 visões é um sonho de futuro pessoal, um chamado à ação, um alerta e uma esperança para o amanhã. Dentro de cada uma delas você encontrará a nossa humanidade e a semente de um futuro que será radicalmente melhor do que o futuro que vivemos hoje. 1.000 possibilidades. 1.000 conversas que mudarão as histórias que contamos para nós mesmos sobre o futuro em que vivemos.

OS HUMANOS SÃO CAPAZES DE FAZER MÁGICAS

Carl Sagan é uma aparição simpática que ronda The Tomorrow Project. Sagan era um físico e astrônomo de formação, mas ficou mais conhecido como autor de ficção científica e ciência, com mais de 20 livros publicados, e como divulgador e comunicador científico. Ele alcançou fama, sobretudo, graças à premiada série de TV *Cosmos: uma Viagem Pessoal*, de 1980, da qual ele foi coautor e apresentador.

Cosmos é uma das séries de TV mais assistidas do mundo, e cobre uma grande variedade de tópicos, da vida das estrelas ao cérebro humano. No episódio 11, “A Persistência

da Memória,” Sagan fala sobre livros, a palavra escrita e o poder de capturar nossas visões para compartilhá-las com outros:

O livro é uma coisa maravilhosa. É um objeto plano, feito a partir de uma árvore, com partes flexíveis sobre as quais são impressos diversos rabiscos escuros e esquisitos. Mas basta olhá-lo por um instante e você entrará na mente de uma outra pessoa, talvez de alguém que morreu há milhares de anos. Através dos milênios, um autor envia uma mensagem nítida e silenciosa para dentro da sua cabeça, diretamente para você. A escrita talvez seja a maior de todas as invenções humanas, capaz de unir pessoas que nunca se encontraram, cidadãos de épocas distintas. Os livros quebram os grilhões do tempo. Um livro é a prova de que os humanos são capazes de realizar mágicas.

As 1.000 visões que fazem parte do The Tomorrow Project fizeram exatamente isto. Elas captaram o futuro e quebraram os grilhões do tempo. Essas visões foram compartilhadas em todo o planeta e continuarão a alcançar várias gerações de mentes curiosas.

Talvez eles não soubessem disso, mas cada autor, cada pessoa contribuiu para The Tomorrow Project, não apenas ao capturar o DNA do amanhã — eles também demonstraram que podem realizar mágicas e que os seres humanos têm a habilidade de construir seu próprio futuro.

SONHADORES E CONTADORES DE HISTÓRIAS, CIENTISTAS E ARTISTAS

Edward O. Wilson é o maior especialista em formigas do mundo. Ele também é um biólogo premiado com o Prêmio Pulitzer que escreveu uma montanha de livros (a maioria deles sobre formigas) e ensinou milhares de mentes jovens na Universidade de Harvard.

Em seu recente livro *Cartas a um Jovem Cientista*, Wilson lança luzes sobre uma das ideias que temos tentado expressar por meio do The Tomorrow Project: em seu âmago, a

Ciência e a narração de histórias têm uma mesma origem.

Tanto os inovadores da Literatura quanto os da Ciência são, basicamente, sonhadores e contadores de histórias. Nos estágios iniciais tanto da Literatura quanto da Ciência, tudo o que povoa a mente faz parte de uma história.

A Ciência precisa da narração de histórias e a narração de histórias precisa da Ciência. As 1.000 visões do The Tomorrow Project têm várias finalidades. Elas não só estimulam conversas, mas, na verdade, também podem servir de guia para a Ciência e a Engenharia, os blocos de montar que construirão o nosso futuro. Eles podem dar subsídios para o desenvolvimento de políticas públicas e a formação de opiniões na mídia. Ninguém precisa ser Sagan ou Wilson para participar.

Estas visões mágicas do The Tomorrow Project e aquelas apresentadas nesta antologia têm o poder de dar forma ao futuro. Esta coleção reúne futuros de diversas idades e nacionalidades. Tivemos contribuições de cientistas famosos mundialmente e estudantes esforçados. Alguns foram escritos por autores na lista de best-sellers do *The New York Times* enquanto outros são de pessoas comuns com uma paixão pelo amanhã. Cada um capta uma visão de futuro, alguns a almejar, outros a evitar. Cada um deles é um pequeno passe de mágica, uma esperança, um primeiro passo. 1.000 visões são apenas o primeiro passo. Tenha sempre em mente:

Você pode mudar o futuro.

Brian David Johnson
Num 737 sobrevoando a Costa Oeste dos Estados Unidos

PREFÁCIO

GUSTAVO GENNARI

Desde o começo da humanidade, o homem tem usado sua imaginação para transformar e melhorar seu entorno, à procura de avanços em sua qualidade de vida e condição humana. Usando sua genialidade e sua capacidade de execução, o homem tem conquistado grandes avanços tecnológicos, científicos e sociais, que têm impulsionando o progresso das diferentes civilizações.

A roda, a bússola, a máquina a vapor, a lâmpada, invenções fantásticas, que revolucionaram e transformaram definitivamente o nosso mundo. Porém, em que velocidade? Em quanto tempo? Com qual abrangência?

Internet, mobilidade, cloud, conectividade, super processadores... Tecnologia. O amanhã nunca esteve tão perto e, melhor, nunca esteve tão perto de todos.

Estamos vivendo uma era exponencial, em que a tecnologia aproximou as pessoas, socializou os recursos, trouxe mais transparência, ética e compromisso. São novos tempos, onde cada um de nós tem super poderes em nossas mentes e nas pontas dos nossos dedos.

Aqui na Fiap, temos a convicção que juventude de pensamento, criatividade, ousadia e tecnologia são os caminhos para um amanhã cada vez melhor.

Como uma Faculdade de Tecnologia, unimos os esforços de alunos, professores, pesquisadores, executivos de mercado e parceiros, no sentido de canalizarmos toda a energia gerada em nossas aulas, em benefício real para a sociedade.

Desta forma, tivemos muito interesse em apoiar e sermos parceiros da iniciativa The Tomorrow Project no Brasil, porque acreditamos que ela oferece um valioso caminho para instigar a imaginação humana e os possíveis futuros da tecnologia.

Tudo o que foi criado até hoje foi criado por pessoas e tudo o que será criado daqui para frente será criado por pessoas. As histórias reunidas nesta antologia nos permitem vislumbrar possíveis cenários do nosso futuro, onde a única limitação é a nossa própria imaginação. Portanto, apertem os cintos e façam parte dessa jornada: The Tomorrow Project.

Gustavo Gennari
CEO, FIAP University

MINHA SEGUNDA CHANCE

LAURO ELME

Estou com a palma da mão direita levantada à altura do ombro para que a câmera possa fazer a identificação. O que aconteceu antes disso está encoberto por nuvens. Não sei de onde vim ou como cheguei aqui. Mas estou em casa, é o que importa, embora isso não tenha sido motivo de alegria nos últimos anos. A câmera não reconhece minha mão, acende uma luz vermelha e pede que eu olhe diretamente para um determinado ponto a fim de ler meu rosto e retinas. Obedeço impaciente. Malditas máquinas incompetentes. Levo a mão à cabeça para afastar um possível cabelo da testa e tenho um sobressalto ao sentir uma atadura envolvendo-a. Está dolorida. Um acidente? Isto explicaria minha confusão e falta de memória recente. Por outro lado, acidentes são raros hoje em dia. Com tantos computadores monitorando vias e veículos, é quase impossível ser atropelado ou bater um carro. Talvez eu tenha caído e batido a cabeça. Isso é mais provável, afinal já não sou mais um jovem. A máquina acende novamente a luz vermelha. Não tenho outra opção a não ser acionar a campainha. Mas, impaciente que estou, bato na porta com os nós dos dedos, como faziam trogloditas na antiguidade. A porta, de madeira plástica aerada, não propaga o som, por isso, bato novamente. Com mais força.

Espero eternos vinte segundos até que alguém atenda a porta. Enquanto isso, volto a especular o que haveria acontecido. Se foi mesmo um tombo, alguém deve ter me socorrido e medicado. Onde estão então enfermeiros e médicos? Teria sido deixado à porta de casa por uma dessas “*robulâncias*” dirigidas por máquinas?

Irônico, sete carros na garagem e ser trazido para casa numa *robulância*. Finalmente a porta se abre. Um garoto de seis anos, talvez, está parado à minha frente. Levo algum tempo até reconhecê-lo. Traz nos pulsos um *hologame* e movimentava freneticamente os braços lutando contra inimigos que somente ele vê. “Olá, filhote” – falo, tentando abaixar para pegá-lo no colo. Mas a cabeça dói muito e paro no meio do caminho. Imediatamente ele dá um pulo para trás e sai correndo em direção à sala. “Mãe”. chama quase gritando. A atadura deve tê-lo assustado. Fecho a porta e vou em direção à escada. Preciso tomar alguma coisa ou minha cabeça vai explodir.

Antes de ligar a escada que me levará ao meu quarto, vejo Silvia aparecer vindo da sala. Escondido atrás de sua saia está o garoto. Silvia está tão linda como no dia em que a conheci. Isso, na verdade, perturba-me mais que encanta, afinal, estamos casados há vinte anos. Os inúmeros produtos de beleza e as constantes PROCCEs (Processos Cirúrgicos de Conservação Etária), acabaram por deixá-la com um aspecto de boneca de cera. Digam o que disserem, isso não é natural. Só parece agradar a seus jovens amantes. “Quem é você? O que faz aqui? Eu vou chamar a polícia”, ameaça. Quero responder quem sou e o que estou em minha casa, mas a dor de cabeça obriga-me a virar as costas e ligar a escada móvel. Normalmente não sou áspero assim, mas essa dor... No caminho encontro Carla, minha filha de quinze anos, descendo pela outra escada. Olha-me como se eu fosse um completo estranho. Mas isso é normal, age assim desde os doze anos. Carla trás nos braços seu inseparável *dogmachine*, uma imitação perfeita de poodle, presente do namorado. Ela programou a pequena máquina para latir freneticamente sempre que me vê, como faz nesse momento. Isso faz minha cabeça vibrar de dor. “Pelomenos alguém parece se lembrar de mim”. Carla corre escada abaixo e coloca-se ao lado da mãe. “Quem é esse coitado, mãe?” escuto-a

perguntar. Silvia está falando ao *microcelular*. Estará cumprindo a ameaça de chamar a polícia? “Será que todos agiremos como selvagens hoje?” grito antes de sair da escada.

Entro no banheiro e escancaro o armário da pia. Sou tão rápido que faço isso antes mesmo da luz acender com a minha presença. No armário procuro por algo que faça a dor parar. Quero algo forte, como um bom e obsoleto comprimido analgésico, mas só vejo lanternas de LED antidepressão, adesivos de impulsos elétricos e kits de acupuntura. Jogo tudo na pia até encontrar o que quero. Pego dois analgésicos na palma da mão, melhor quatro, e tomo com um gole d’água da torneira. Lavo o rosto e, embora não acredite em sua eficácia, resolvo pegar dois adesivos elétricos. Toda ajuda é bem vinda. Os adesivos devem ser colocados nas têmporas, então fecho a porta do armário para retirar a bandagem da cabeça.

Só então eu percebo. Sinto uma súbita tontura com o que vejo e apoio na pia para não cair. Entendo o porquê daquele comportamento quando cheguei. Quem me olha do espelho não sou eu. Um outro homem está a olhar para mim e imitar meus gestos. Teria eu esquecido como é meu próprio rosto? Impossível. Ainda lembro das olheiras vermelhas, meu nariz redondo e o queixo proeminente. Quem é esse que me olha do espelho, então? Com os dedos toco no espelho digital. Pode ser uma propaganda, como aquelas que todas as manhãs aparecem no espelho quando estou a higienizar os dentes. Mas a tela está desligada. É realmente um espelho. Um espelho que mostra uma pessoa que não sou eu.

Subitamente sinto falta de ar. Pânico. Uma velha síndrome que carrego desde a infância e que a psicologia moderna não conseguiu curar. Preciso descer, falar com Silvia para explicar quem eu sou. Para descobrir quem eu sou. “Eu bati a cabeça e, quando acordei, estava com esta aparência”, falo alto para a outra pessoa no espelho.

“Eu já chamei a polícia”, grita Silvia no andar de baixo. Tenho que descer, explicar o que está havendo. Novamente Desço as escadas. Silvia está no mesmo lugar. O *microcelular* preso à orelha esquerda e uma arma de choque não letal na mão. “É melhor ficar longe. Eu já chamei a polícia”, repete.

“Sou eu, Silvia”, começo a falar. “Sou seu marido...” Quero falar meu nome, mas não tenho certeza qual seja. Não lembro. A cabeça volta a doer. Mastigo mais dois comprimidos. Estou ficando louco. Com certeza é isso que está acontecendo. Melhor ir embora para não assustar minha família. A polícia não vai ajudar em nada. Melhor ir embora. Saio para a rua no momento exato em que o carro elétrico da polícia aparece, silenciosamente, na esquina. Ando rápido, passo por vizinhos que não me cumprimentam, não me reconhecem. Ando várias horas sem rumo. Sem saber como minha vida virou no avesso.

Passo muitas horas sentado no banco de um shopping vendo bonecas de cera passar com suas compras supérfluas. Lembro de Silvia. Quando foi que nos afastamos tanto? Penso nos meus filhos e não os sinto meus. Nem o pequeno Victor (agora lembro seu nome), que prefere mil vezes brincar com nosso velho jardineiro a passar algumas horas comigo. Chego à conclusão que, apesar de todo o dinheiro que ganhei na vida, não sou um homem rico. Tenho uma mulher que quer parar no tempo e agradar jovens amantes, uma filha que me odeia e um garoto que me ignora. Para completar, agora tenho também um rosto que não é meu. Aliás não é só o rosto. Enquanto estou sentado lamentando minha sorte, percebo que também as mãos não são minhas. Parecem mais morenas e menos enrugadas. Também estou mais alto e menos encurvado. Este corpo todo não é meu. Teria eu sofrido uma intervenção PROCCE? Teria Silvia, de alguma maneira, me convencido a passar por esse processo, transformando-me também num boneco de cera? Levanto minhas mãos e massajeio os ossos da face. Parece que

estou acariciando um outro homem. Não parece o meu rosto rejuvenescido. Não é o rosto artificial de alguém que passou por um PROCCE. Não, definitivamente, este não sou eu. Um robô faxineiro passa por mim, limpando um chão que já está limpo. “Que horas são?”, pergunto, embora meu relógio esteja no pulso. “Treze horas e dois minutos”, responde a máquina, com voz desconfortavelmente humana. “Obrigado,” agradeço, mesmo sabendo que não terei resposta. É curioso, esses robôs são programados para agradecer sempre que saímos do caminho ou levantamos os pés para uma varrida sob o banco. No entanto, não sabem o que responder quando alguém agradece a um serviço seu.

Sinto vontade de sair andando. Não sei exatamente para onde, mas sinto uma necessidade urgente de sair. Entro no primeiro táxi que encontro parado. Por azar é um *robotáxi*; assim que entro uma tela acende e uma voz anuncia. “Boa tarde: por favor digite ou informe o destino desejado.” “Quero apenas dar uma volta, não tenho destino certo”, respondo. O *robotáxi* ameaça sair, dá uma pequena arrancada e breca de novo. “Boa tarde: por favor digite ou informe o destino desejado.” Saio e vou procurar um táxi com motorista de verdade. Encontro cinco minutos depois.

“Para onde? Se preferir pode digitar o endereço na tela à sua frente”. “Vamos apenas andar um pouco, sem destino” respondo afundando no banco macio. “O senhor tem créditos?” Uma pergunta que um *robotáxi* nunca faria. Procuo nos bolsos. Todos vazios. “Tenho apenas isso”, respondo passando meu relógio de ouro. “Isso é uma peça de museu, patrão”. “Por isso mesmo deve valer muitos créditos. Podemos rodar um pouco?” “Com isso aqui dá para ir até Marte, se o senhor quiser”, responde sorrindo, colocando o relógio no bolso. “O Homem já esteve em Marte?” Pergunto curioso assim que começamos a andar.” “O senhor

estava em coma, chefe?”, pergunta o taxista, apontando para minha cabeça “O homem desceu em Marte na semana passada”, completa.

Andamos por um bom tempo por caminhos escolhidos ao acaso pelo meu motorista. “Entre aqui”, falo ao passarmos por um larga avenida arborizada artificialmente. “Lembrou agora aonde quer ir?” “Não, mas este parece um bom caminho”. “O senhor é quem sabe, chefe”. Um pouco mais à frente, indico outra rua e depois outra. Não faço a menor ideia onde estou indo, mas sinto conhecer esses caminhos. Em meu trajeto até o escritório e nos passeios com a família, nunca vim para esses lados da cidade. Mesmo assim, vou indicando rua após rua com uma certeza que chega a me espantar. Estamos na periferia da cidade quando o motorista para em uma pequena praça. “E agora? Para onde?” Cinco ruas saem da praça em direções diferentes. “Vou descer aqui”, anuncio. “É um lugar um pouco perigoso para se andar sozinho.” “Estarei bem, obrigado”, respondo,

descendo do carro. Antes que eu me afaste, o motorista estende a mão pela janela e me entrega um pequeno bolo de notas de dinheiro. “É seu troco. Não são créditos, mas tem lugar que ainda aceita esse tipo de dinheiro. Boa sorte.” “Obrigado”, respondo. Quando o carro se afasta, fico olhando para as ruas à minha frente. Onde estou? O que estou fazendo aqui? A cabeça dói menos agora. Sinto vontade de tirar as faixas mas não o faço. Escolho uma rua ao acaso e começo a andar. Não vou muito longe até ser atraído por um pequeno sobrado espremido entre duas casas maiores. Paro no portão. Portão antigo, de madeira de verdade. Não existem placas de identificação, com leitores de retina e essas bobagens todas. Apenas uma campainha tradicional. Não tenho a intenção de tocá-la ou bater palmas como fariam os homens das cavernas. Fico apenas parado em frente ao pequeno sobrado, como se ele pudesse me dar respostas.

Então a porta se abre e, correndo pela garagem aparece uma garotinha de quatro anos gritando alegre: “Papai, Papai”. Sem pensar empurro o portão com as mãos e abaixo para receber um abraço carinhoso, como poucas vezes recebi na vida. Seu nome é Raquel. Nem imagino como sei disso, mas sei. Raquel me cobre de beijos enquanto seus bracinhos apertam meu pescoço. Sinto lágrimas nos olhos. Impossível não se apaixonar por uma criaturinha assim.

Nesse momento uma mulher aparece no vão da porta. Imediatamente tento tirar Raquel do meu pescoço e colocá-la no chão, para não ser acusado de rapto de crianças. Mas a mulher não parece assustada ou amedrontada. Sua expressão parece uma mistura de surpresa e alegria. Seu nome é Sofia, diz minha mente. Nunca a vi na vida, mas sei que a conheço. Não é tão bonita quanto Silvia, mas sua beleza é natural e agradável, sem cremes ou plásticas a lhe esticarem a pele.

Sofia convida-me a entrar e sentar. Serve-me água e prepara algo para comer. Nessa hora percebo como estou faminto. Raquel fica o tempo todo perto de mim. Às vezes sinto vontade de chorar por receber tanto carinho de pessoas que nunca vi na vida. Sofia é um mistério completo. Trata-me com respeito e carinho. Às vezes olha-me com olhos brilhantes. Parece querer voar no meu pescoço como fez a filha. Outras vezes parece desejar expulsar-me a vassouradas da sua casa. Somente uma hora depois de entrar no pequeno sobrado é que ela fala comigo. Estamos sentados no sofá da sala simples, mas aconchegante. Raquel brinca no chão com pequenos blocos coloridos de montar. Nada de *hologames* e imagens virtuais.

“Quem é você?”, pergunta Sofia. “Eu não sei”, respondo, “achei que você pudesse me dizer”. “E por que eu?”, pergunta novamente. “Eu fui impelido a esta casa, onde eu nunca estive. A menina me chamou de pai e, embora nunca a tenha

visto, sinto uma ligação muito forte com ela. E com você”, acrescento, corando levemente.

“Seu nome é Fred”, começa Sofia, “ou melhor, era Fred. Seu verdadeiro nome eu não sei”. “Esse é o rosto de Fred?”, pergunto, passando a mão no queixo. “Sim”. Demoro um século para fazer a próxima pergunta. “Então, Fred está morto?” Sofia demora o mesmo tempo para respondê-la. “Sim”. Fala com lágrimas nos olhos. “Pelo menos a maior parte dele”, acrescenta. Começo a entender o que aconteceu e, com isso, começo também a descobrir o tipo desprezível que sou.

Fico calado por um bom tempo enquanto as memórias começam a chegar. De vez em quando olho para Sofia, na outra ponta do sofá. Estou junto de duas pessoas que têm tudo para me odiar, ainda assim foram as únicas neste dia a me tratar com carinho. Conforme as lembranças chegam, vou falando baixo para Sofia e para mim mesmo: “Eu sofria de uma doença terminal. Viveria apenas mais um ano e meio no máximo. A única solução seria me submeter a um Transcorp, o radical método de transplante total. A ideia é simples, retirar o seu cérebro, com todas as suas memórias, e colocá-lo num corpo saudável. Na prática porém, não é tão fácil. O processo é extremamente caro e demorado. Apenas pouco mais de mil pessoas no mundo têm condições de pagar por um Transcorp. Eu sou uma delas. É necessário quase um ano, com intervenções diárias, até se completar o processo. Lembro do dia da minha internação. Eu estava quase à morte quando apareceu um doador compatível. O doador deveria ter o corpo perfeito mas estar com morte cerebral declarada para o processo funcionar.

“Você comprou o corpo dele”, fala Sofia numa afirmação triste. “Não,” retruco. “Ele estava morto. Seu cérebro estava morto”. Outra longa pausa. Quando Sofia volta a falar, o faz com voz triste mas firme. “Fred não estava morto. Não estava nem mesmo doente. Ele aceitou participar de um Transcorp para que nós não

perdêssemos esta casa para os bancos. Ele nunca me falou nada. Ele estava desempregado havia dois anos. Esses últimos meses ele justificou sua ausência dizendo que estava em um novo serviço. Só fiquei sabendo a verdade quando recebi a carta de quitação da hipoteca”.

Tentei argumentar que eu não sabia que essas coisas aconteciam, mas fiquei quieto. Seria hipocrisia. Enquanto houvesse homens ricos como eu, sempre haveria alguém disposto a vender a alma. “Por que, então, você me recebeu em sua casa?”, pergunto, depois de um longo tempo. “Você viu a reação da menina. Para ela você ainda é seu pai. Seu cérebro e gestos podem ser diferentes, mas a voz e o cheiro, ainda são de Fred. Além do mais, sinto que um pouco dele ainda vive em você”.

É verdade - na certa eu saí muito antes de completar o processo. De algum modo consegui fugir do hospital antes de ser readaptado. Antes mesmo de minha família conhecer o novo corpo. O processo não se completou. Nem todas as milhares de ligações cerebrais foram feitas. Eu estava vivendo a vida de duas pessoas, com memórias de duas pessoas.

“O que vai acontecer agora?”

“Você pode ficar aqui até encontrar seu lugar nesse mundo”, sugere Sofia. “Será bom para a menina, há tanto tempo sem o pai.”

Ouçoo essas palavras e vejo o brilho nos olhos de Sofia. Fred está aqui, eu sinto. Ela sente. Ele é o meu lado bom. Penso em minha vida abastada e vazia e sinto inveja da riqueza de Fred. Desejo fazer a coisa certa. Quero, ao menos, minimizar o sofrimento que causei. Sei que desaparecer da vida de Silvia e dos meus filhos só trará alegria a eles. Quero aprender com Fred a ser uma pessoa melhor. A amar pessoas melhores. Ficamos longo tempo sentados no sofá vendo a pequena

Raquel brincando à nossa frente. Em dado momento, nossas mãos se tocam e não se soltam mais. Embora os cientistas já tenham provado a inexistência de Deus, ao ver Sofia e a pequena Raquel, sinto como se alguém estivesse me concedendo uma segunda chance de ser feliz.



UM DIA LONGO

GERARDO FURTADO

Acordei com aquela voz rouca e velha literalmente dentro da minha cabeça.
“Filho?”

Tentei abrir os olhos, a claridade doía. Tudo doía. Aparentemente me deitei vestido, um gosto terrível na boca.

“Filho?”

“Mmmm...”

“Filho, você está acordado?”

Que droga, deixei o transdutor na cabeça quando fui dormir e, para piorar, no modo “atendimento automático”. O que aconteceu ontem à noite? Ah, que ressaca terrível! Minha cabeça latejava... Frajola bocejou seu bafo terrível de gato a meio palmo do meu nariz. “Sorte sua não ter um transdutor pendurado na cabeça”, pensei, mas logicamente sem falar mentalmente as palavras: minha mãe escutaria e, certamente, haveria drama suficiente para uma semana.

“Onde você está?”

“Em casa, mãe...” perguntei pelas horas, e os números 8 e 20 se formaram na minha retina, “... onde você acha que eu deveria estar às oito da manhã?”

“No trabalho! Escuta, porque você não veio ontem? Seu pai e eu ficamos esperando, ele está muito chateado...”

Inventei uma desculpa qualquer... O que aconteceu ontem? Onde eu estava? Quantas tomei? Só sei que me doíam os olhos, a nuca, as têmporas...enfim, tudo. Resolvi tomar um banho, para ver se o desconforto da ressaca diminuía. “Desativar atendimento automático”, ordenei mentalmente para o transdutor. Hoje vai ser um dia muito longo, pressenti... Talvez eu ligue para a delegacia, e diga que não vou trabalhar. É isso mesmo, vou ligar; afinal, qual foi a última vez que eu faltei ao trabalho? Nem sequer consigo lembrar.

Tirei o transdutor e o pus em cima da pia, joguei as roupas no chão e girei a torneira. Nossa, que bom! A dor não passou completamente, mas eu me sentia bem melhor. Escovei os dentes, penteei o cabelo e recoloquei o transdutor. O meu modelo consistia em um semicírculo metálico que ia de uma orelha a outra sobre a cabeça, conectado atrás da orelha direita a outro semicírculo metálico que ia da têmpora à nuca. Parecia um pouco com os headsets que eu usava para fazer videochamadas pela internet, isso antes da década de 10, na época em que eu ainda estava na faculdade... Bons tempos. Lembrei-me dos primeiros transdutores, medonhos e gigantescos, que se pareciam com um capacete de ciclista. Comparado a eles, o meu era uma maravilha da tecnologia. Claro que o meu não chegava nem aos pés dos melhores transdutores, como os da NeuroVigil. Há um modelo novo deles que não age sobre os neurônios da retina ou do ouvido, mas diretamente sobre os neurônios do cérebro, acho que no córtex, não lembro direito. Um colega me assegurou que as sensações são impressionantes, é perfeito para realidade aumentada, realidade virtual, realidade transgressiva, realidade interpessoal... Enfim, tudo. Um sonho de consumo, mas não para o meu mísero salário de agente da Polícia Federal...

Parei de sonhar acordado e comecei a planejar uma desculpa. O superintendente andava mais mal humorado do que de costume, portanto teria que ser uma

desculpa das boas. Mas, bem nesse momento, recebo uma ligação. Como diz o ditado, o superintendente não morreria mais, pelo menos não hoje. Falei mentalmente “reduzir o volume e atender”, calçando as meias.

“Onde você está, seu infeliz?” Paciência, o dia hoje vai ser longo...

“Estou indo praí, senhor...”

“Eu não estou na superintendência. Venha para o aeroporto, agora!”

Frajola se espreguiçou e rolou na cama, parando de barriga para cima. “Isso mesmo, durma aí, confortável, enquanto eu vou batalhar a sua razão...”

A dor de cabeça voltou, fazer o quê, um baita engarrafamento na avenida de acesso à via expressa. Talvez a dor diminuísse se eu não tivesse que guiar de fato o meu carro, um Ford Focus 2008, uma peça de museu. O camarada no carro ao lado do meu tinha as mãos atrás da cabeça, enquanto as minhas seguravam o volante. É nessas horas que eu queria ter um carro teleguiado, poderia agora estar com os olhos fechados, escutando uma música relaxante para tentar diminuir a ressaca. Mas, por bem ou por mal eu terei um, uma vez que o governo determinou que em três anos todas as latas velhas como a minha terão que sair das ruas. “Tocar Beethoven, sétima, segundo movimento”, tentei relaxar um pouco.

O aeroporto estava quase vazio. A nova agente alfandegária era uma coisinha deliciosa, mas eu não estava em condições de ser muito simpático. Ela me levou até a sala de interrogatórios. O superintendente, o delegado Paiva e um outro agente encaravam um sujeito de terno, de pele bem queimada e de cabelos lisos bem claros. Minha atenção se voltou imediatamente para o objeto sobre a mesa.

Era pouca coisa maior que uma barra de cereais. Consistia de pequenos cubinhos de mais ou menos um centímetro de lado cada um. Conteí dez cubos de comprimento por três de largura e três de altura; noventa cubos, portanto. Cada cubinho tinha as arestas de um material metálico, e o interior de um material semitransparente, multicolorido. Muito bonito, para falar a verdade. Examinando-o de perto, me pareceu que cada cubinho era formado por estruturas repetitivas menores ainda...

“Tem alguma ideia de que droga é essa?”

No mundo inteiro as drogas eram liberadas. EUA, Europa, Austrália, Canadá, Japão... Mas aqui, desde que o pastor ganhou as eleições, a repressão ficou bem mais séria. Estávamos indo literalmente na contramão do resto do mundo. Isso fazia com que as apreensões no aeroporto fossem quase que diárias; na maioria das vezes eram pessoas comuns que não sabiam (ou nem se preocuparam em se informar antes de viajar) que no Brasil elas eram proibidas. Normalmente nós apreendíamos as drogas, explicávamos a situação para o passageiro consternado e o deixávamos seguir viagem. Ocasionalmente, porém, eram pessoas trazendo deliberadamente drogas para dentro do país.

“Não, mas posso dizer o quê não é”, respondi.

“Muito bem”, disse o superintendente, “o indivíduo aí estava vindo de Nova York, fazendo uma conexão para Joanesburgo no voo da British Airways, quando foi pego com isso. Podemos falar à vontade, ele aparentemente não sabe uma palavra em português”. Imaginei se o sujeito não teria ativado a tradução automática, mas num rápido olhar percebi que ele estava sem qualquer transdutor, os rapazes devem tê-lo retirado logo após ele ter sido detido, o que era um procedimento padrão para suspeitos considerados perigosos. “Desde que

encontramos isso, fechou a matraca e se recusa a colaborar, não diz mais nada. Bem, e o que não é?”

“Não é nenhuma droga que eu conheça.”

“Não é MDMA?”

“Não.”

“Não seria LSD cristalizado?”

“Você está louco? Essa quantidade de LSD cristalizado daria para deixar a população do mundo inteiro viajando”, exagerei propositadamente. Olhei de novo para o objeto. “Pra começo de conversa, como é que vocês sabem que isso é uma droga?”

“E por que o Mister Simpatia aqui se recusaria a falar, se não fosse algo ilegal? De qualquer maneira, se não é uma droga, você vai ter que descobrir o que é. Leve isso para a superintendência, o Paiva vai mais tarde com nosso amigo aqui.”

Fiquei com receio de pegar no objeto. “Vocês já falaram com a biossegurança? E se isso for um vírus, ou bactérias?”

“Deixe de ser frouxo, o cara estava transportando isso na bagagem de mão, só com uma capinha plástica”, e me apontou a capa do outro lado da mesa. “É claro que não é um vírus.”

Lá fui eu atravessar a cidade no meu Ford Latavelha, a dor de cabeça não dando sinais de que iria amenizar um dia. Reunimo-nos no escritório e ficamos olhando mesmerizados para o objeto. Nenhum agente tinha ideia do que poderia ser. Foi quando o agente de TI entrou na sala, perguntando alguma coisa sem importância.

“Depois, Josué, depois. Nós estamos ocupados agora”, respondi.

“O que é isso?”, perguntou, aproximando-se da mesa.

“Não faço a menor ideia. Você sabe?”.

“Posso?”, perguntou. Assenti com a cabeça.

Ele pegou o objeto e o observou de perto por alguns segundos. Em seguida, o devolveu para a mesa.

“Na verdade, eu sei o que é.” Olhamos todos para ele, meio incrédulos. “Isso é DNA compactado.”

“Como? DNA?”, perguntei.

“Sim. A gente usa DNA para *backups* permanentes, mas normalmente mantemos o DNA em solução. Eventualmente a gente faz a compactação para transporte, ou para levar informações de forma sigilosa. Isso aqui é DNA compactado, mas nunca vi esse tipo de compactação... Muito menos nessa quantidade. É lindo...”

“Como assim nessa quantidade?”

“Esses cubinhos têm mais ou menos um centímetro cúbico, não é isso? Mmmm... cada centímetro cúbico deve ter mais ou menos oitocentos terabytes, ou talvez 1,6 petabytes, depende de como foi compactado. Vejamos, noventa cubos? Isso vai dar... Cento e quarenta petabytes, mais ou menos. Isso é muita informação. Onde foi que vocês acharam isso?”

“Você pode ler os dados para a gente?”

“Aqui? Não. A gente não faz isso, toda síntese e sequenciamento de DNA é terceirizada”.

“Chamar superintendente”, falei mentalmente. Alguns segundos depois ele atendeu. Expliquei brevemente a situação, a sala em silêncio, todos os caras admirando o objeto. Essa é uma das maravilhas dos transdutores: como eles leem nossas ondas cerebrais, não é preciso falar realmente para fazer uma chamada ou para qualquer outra coisa. Minha dor de cabeça agradecia...

“Estou indo já praí”, ele respondeu.

Meia hora depois estávamos reunidos em sua sala. Explicamos o que supúnhamos até o momento.

“Se isso é apenas um DNA *data storage*, por que o Mister Simpatia não quis falar, já que é uma coisa legal?”

“Vocês chegaram a dizer para ele que suspeitavam de drogas?”

“Não.”

“Se ele calou”, continuei, “é porque estava fazendo algo ilegal. Logo, se isso aí é legal, o ilegal só pode ser a informação que está guardada.”

Todos olharam nervosos para a barra multicolorida.

“A gente precisa saber o que isso aqui contém. Agora!”

Josué explicou para o superintendente que esse tipo de compactação era inédita para ele, e desaconselhou usar o serviço de sequenciamento que a PF normalmente usava. Ele sugeriu um professor da Universidade, Fernandez, que tinha os melhores equipamentos possíveis no Brasil.

“Isso é com você, Maurício”, gritou para mim o supervisor.

Bem, lá vou eu no meu Ford Desfocado atravessar literalmente a cidade inteira até o Campus. Com inenarrável dificuldade (lembrei-me do meu tempo de

estudante) encontrei o departamento, e com mais dificuldade ainda encontrei a sala do professor. Quando viu o meu colete preto já percebeu a gravidade da situação.

Pedi para que os dois estudantes que estavam no laboratório saíssem e conversamos a portas fechadas. Estendi-lhe o objeto.

“É lindo!”

“É, sei, é o que todo mundo diz... Escuta, professor Fernandez, você pode sequenciar isso aí?”

“Creio que sim, vou tentar.”

“Sem destruir o objeto?”

“Não, sinto muito, é impossível. Eu tenho que solubilizar para sequenciar. Há um sequenciamento a laser para DNA compactado, mas não para esse grau de compactação. Mas não se preocupe, está vendo os mini cubos? Percebe como há umas tênues linhas horizontais e verticais em cada um deles? Isso é o que chamamos de *grid*, e dividem os mini cubos em *microcells*. Esses mini cubos têm mil *microcells* cada. Eu vou retirar apenas uma para sequenciar, há noventa mil delas no total. E, depois que eu sequenciar, posso sintetizar o DNA novamente. Não nesse grau de compactação, é lógico...”

“Sim, é lógico...”

Trocamos nossos identificadores universais, para que ele me ligasse logo que tivesse concluído seja lá o que for que ele fosse fazer. Voltei para o centro da cidade no meu Ford Pangaré, pela avenida do parque. Eu gosto de passar pela avenida do parque, mesmo sendo um caminho mais longo, me acalma. “Horas?”, pensei, e visualizei “12:42 pm”. “Localizar Paiva”, perguntei em seguida e a seta

me apontou um restaurante que já ia passando pela minha janela direita. Meti o pé no freio, fiz uma curva súbita e entrei na rua lateral. Um pedestre que se preparava para atravessar me mandou praquele lugar. Eu iria mandá-lo junto, mas me contive a tempo. Por lei, toda atividade mental dos agentes é monitorada e gravada. Para xingar alguém ou cometer outras ilegalidades, temos que nos lembrar de tirar o transdutor primeiro.

Os rapazes estavam todos no restaurante. Almoçamos e voltamos para a superintendência.

“E então, o que era aquilo?”

“Isso leva tempo, chefe”, respondi. “Não se preocupe, o professor vai me ligar tão logo tenha alguma informação”.

“Espero que isso seja logo. Eu não sei com certeza, mas acho que esse camarada” – e ele aponta com o polegar para a carceragem –, “deve, e deve muito. Levantamos as informações dele... Cidadão norte-americano, forças armadas, fuzileiro, pentágono e o escambau. O que esse cara estava carregando deve ser muito, muito ilegal...”.

“Vamos saber em breve.”

Tomei uma aspirina, um antiácido e sentei na minha mesa. Uma pilha de papéis me esperava. “Ah, não... hoje não...” Só queria estar na minha cama, de olhos fechados. Bem nessa hora, recebo uma ligação. “Professor Fernandez”, aparece no fundo cinza de meus olhos fechados. “Atender”.

“... em uma hora mais ou menos já terei a leitura.”

“Estou indo praí.”

Atravessei novamente a cidade, me perdi novamente no campus, até que cheguei ao laboratório do professor.

“E então, professor, o que tem para mim?”

“Senta aí.” Detesto que me mandem sentar, nunca é prenúncio de coisa boa. “A coisa é complicada”, completou.

“O que foi?”

“Primeiro, a informação está encriptada. Terrivelmente encriptada. Vai ser impossível decifrar sem uma chave. Você pode até levar para o pessoal da TI da polícia, mas duvido muito que eles consigam alguma coisa.”

“Então não dá para saber o que é?”

“Por enquanto não. Mas não é isso o importante. Você se lembra do que me falou de manhã, da quantidade de informação que vocês achavam que isso tinha?”

“Sim... quatro petabytes, ou quarenta petabytes, algum dos dois...”

“Pois é. Acontece que esse simpático pacote de DNA foi escrito com a maior compressão possível. A gente nunca usa esse grau de compressão, por ser mais sujeito a erros e por total falta de necessidade mesmo. Está acompanhando?”

“Mais ou menos.”

Ele fez uma pausa. Era um sujeito que gostava de adicionar drama à narração, *supus*.

“A *microcell* que eu sequenciei tem cento e quarenta petabytes... portanto, cada cubo tem cento e quarenta exabytes de informação. O pacote inteiro, portanto, tem doze zettabytes de dados. Doze zettabytes! Isso é doze mil exabytes, doze milhões de petabytes, doze bilhões de...”

“Já entendi, professor.”

Olhamos para o objeto no centro da mesa.

“E o que pode ser isso? Para quê tanta informação assim?”

“Eu tenho uma hipótese... Você lembra quando a Google foi fechada, logo depois da guerra Nipo-chinesa? Pois bem... Lembra-se dos rumores que, no meio da confusão e do caos do fechamento da empresa, alguém roubou todas as informações que eles tinham, abertas e fechadas, públicas, privadas e tudo mais? Ou seja, que alguém tinha roubado, por assim dizer, a internet inteira?”

“Sim, lembro...”

“Esse suposto roubo, essas informações, isso é o Santo Graal do mundo moderno, apesar de, é claro, nunca ter sido comprovado... Bem, doze zettabytes é mais que o suficiente para guardar as informações do mundo inteiro naquela época.”

Olhamos simultaneamente para o objeto no centro da mesa. Peguei-o de volta e me levantei.

“Professor, sei que é desnecessário dizer, mas não fale isso com ninguém, está claro?”

“Sim, sim!”

“Tenho que voltar urgentemente para a superintendência.”

“Sim... enquanto isso, vou sintetizando o DNA que eu sequenciei?”

“Sim, claro, naturalmente.” Havia me esquecido completamente disso.

Atravessei novamente a cidade no meu Ford Meia-boca e subi correndo as escadas da superintendência, nem esperei pelo elevador.

“Chefe! Eu...”

“Maurício”, ele me cortou, “vou precisar do DNA de volta. A coisa ficou bastante complicada, o governo americano interveio. Estamos liberando o Mister Simpatia e temos que devolver o DNA.”

“Mas chefe...”

“Não temos o que fazer, Maurício. Eu estou indo para o consulado agora mesmo. Você está com o DNA?”

“Mas chefe...”

“Ah, outra coisa, aquele pedacinho que foi lido na Universidade. Volte lá, pegue-o de volta e se assegure de que não haja nenhuma cópia das informações.”

“Mas chefe...”

Devolvi a barra multicolorida e voltei para o estacionamento. No meio do caminho para o campus encostei o carro (as normas não permitem que acessemos a internet enquanto dirigimos, não num carro que não seja teleguiado, como o meu). Perguntei “pesquisar história da Google”. Fechei os olhos para melhor ver as informações, o sol já ia se pondo bem na minha frente. Ascensão e queda, anos finais, intervenção do governo, escândalos, vazamento de informações... Abri os olhos e girei a chave, o motor deu partida com um barulho nada promissor.

Peguei o DNA sequenciado com o professor, um pequeno tubo lacrado, bem diferente dos quadradinhos coloridos, e expliquei a situação. Pedi que ele apagasse do computador todo o sequenciamento, na minha presença.

“Sim, claro. Mas nem se preocupe com isso, isso é desnecessário, com esse tipo de encriptação essa informação nunca vai poder ser acessada sem uma chave...”

Apagamos tudo e ele me acompanhou até a porta do prédio. Quando eu já estava saindo, ele me perguntou:

“Aquilo era o que eu achava que era, não é mesmo?”

“Não posso dizer, professor... Não posso dizer. Prazer em conhecê-lo”.

Atravessei, pela milésima vez, a cidade no meu Ford não-teleguiado. Já havia caído a noite, as luzes dos anúncios clareavam o mundo. Resolvi ir para a casa.

Preparei um copo de antiácido e me deitei na cama. “O que era aquilo, Frajola? Que informação tinha ali?” Frajola deu um longo bocejo, fechou os olhos e se deitou de lado. “Será que era o que eu imagino que fosse?” Recebi uma ligação, “Mãe”. Retirei o transdutor da cabeça sem nem atender, daqui a dez minutos eu ligo de volta para ela, pensei. Deitado, ainda de roupa, pus o transdutor no travesseiro e comecei a massagear as têmporas, lentamente. A dor de cabeça já havia passado quase que completamente... Nenhuma ressaca é eterna, afinal de contas.



FILL

PAULA GOMES

Estava sentado esperando sua perna acabar de carregar. Quinze minutos a cada 4 horas. Fazia isso pelo menos 3 vezes ao dia. Três intervalos para pensar. Na maior parte deles, porém, mantinha-se sentado olhando para o vazio, e ocasionalmente para as pessoas que passavam, até despertar o interesse de alguém. Então desviava o olhar, temeroso de chamar atenções indesejadas.

Tinha mais 6 entregas pra fazer naquela tarde. Duas delas no Ninho. Faria elas agora, enquanto ainda era dia. Volkz tinha prometido que não aceitaria mais entregas para lá, mas suas viagens à região não tinham diminuído nas últimas semanas. Já tinha perdido algumas peças por lá, mas não chegava a se assustar com o lugar. Sentia que de alguma maneira ele se misturava ao ambiente.

As ruas eram vazias nesta parte do dia, mas sabia que estava sendo intensamente observado por olhos atrás das janelas dos *pods*. Linda morava lá. Era uma das pessoas mais velhas do bairro. “Fomos os primeiros *pods* a serem estacionados aqui. A primeira geração deles. Poucos eram os que podiam pagar por um, e meu pai, que na época trabalhava nas Farmácias, era um deles. Depois vieram as outras gerações, e isso tudo aqui virou sucata, resíduo indesejado, cemitério de circuitos.” dizia. Não era bem verdade, e ela sabia disso. O lugar era compartilhado por tipos tão diversos que tornavam a paisagem urbana num desfile de anacronias: Era o único lugar em que se podia encontrar andando lado a lado, *vets* e *nots*, a obsolescência e a inovação. Também não era estranho

ver circuitos inéditos, frutos de gambiarras inspiradas de cidadãos comuns, buscando aumentar sua vida útil. Elas faziam tanto sucesso no meio artístico que não era raro ver artistas andando pelo bairro, em busca de algum resquício de criatividade que ainda restaria naqueles novos tempos. Ainda era possível encontrar ali todo e qualquer tipo de *especializados*, que vieram na contramão do desenvolvimento, ocupando-se de atividades que só poderiam ser exercidas sob a vigilância desatenta do lugar.

Linda não saía muito daquele antigo pod, pois o Ninho havia se tornado para ela uma espécie de universo paralelo, ou um futuro muito distante, em que tudo aquilo que ela um dia conheceu, havia se transformado em ruínas. Ele nutria uma angustia por aquela pessoa encarcerada em seu próprio passado, mas nada podia fazer a não ser trazer a ela *wuds*, quando os conseguia arranjar. O único refugio que ela poderia encontrar. A salvação por meio de uma viagem psicotrópica dentro de suas próprias memórias. A droga dos velhos.

Era um endereço conhecido: Já havia estado ali outras vezes. Quem atendia era sempre o mesmo homem. Um motor segunda geração com os circuitos inferiores danificados, mantidos sobre uma plataforma móvel improvisada. Faltava-lhe um olho, provavelmente perdido em algum assalto de sucateadores. Era feito de peças tão antigas que valiam fortunas para nostálgicos. Certamente ele sabia disso. Por isso não estava predisposto a ficar com a porta aberta de seu *pod* por muito tempo. “Diga àquele safado do Volkz que, se não vierem dois destes pacotes semana que vem, vou desmontar a frota de entregadores dele inteira.” Ótimo, acabara de meter-se em mais um dos negócios mal feitos de Volkz. Colocou sua perna recém-carregada no vão da porta que estava prestes a se fechar, para ganhar tempo. Isso iria lhe custar alguns circuitos. “O senhor pode me dizer o que tem no pacote? Porque eu mesmo possuo alguns fornecedores

de confiança..” Não costumava roubar os clientes de Volkz, mas dessa vez era necessário, *questão de sobrevivência*, era o que dizia a si mesmo no caminho de volta, pensando em como iria arranjar dois quilos de *tera* para a semana que vem.



Às vezes pegava-se pensando que naquele ano de 2025 iria completar seis anos de residência em Nakkar. Tinha se mudado da Coreia do Norte a contragosto, em uma das últimas ondas migratórias antes da interdição definitiva do país. Custou-lhe poucos dias para se acostumar à nova paisagem, mas nunca chegaria a adorá-la, como fizeram outros tantos imigrantes.

A primeira coisa que descobriu sobre as novas terras foi que, a partir daquele momento, passaria a ostentar sua identidade em seu próprio corpo. A segunda foi que sua identidade era a de um expatriado indesejado.

Descobriu também que a parcela mais rica do país se autodenominava de puros, e, ao realizarem intervenções cirúrgicas em seus corpos para se diferenciarem dos outros extratos sociais, acabavam ditando a nova ordem estética não só de Nakkar, mas de toda Nova Ásia: eram pardos, com olhos orientais de tonalidade acinzentada, orelhas *plug*, corpos lisos e esguios que podiam atingir a dois metros e meio de altura. Fill era branco, baixo, e ao seu favor, apenas os olhos orientais. Claro que qualquer um poderia tornar-se um puro, pelo devido montante de dinheiro, diziam os anúncios. E era só isso que Fill gostava de ouvir.

Alguns anos após mudarem-se, seu pai morreu. Nunca conseguiu respirar direito o ar de Nakkar, ao contrário dele, que enchia os pulmões, nunca satisfeito. Sentiu um certo alívio com a ida do pai. Agora podia dedicar mais tempo ao seu objetivo.

Começou então a trabalhar no mercado líquido, produzindo diferentes variações de pílulas de simbiose, para aumentar sua clientela. Ganhou dinheiro o bastante com as invenções para comprar pernas mecânicas, o requisito mínimo para trabalhar como entregador. O emprego era péssimo, mas tinha lá suas vantagens: garantia acesso a praticamente todas as áreas restritas ou não da Nova Ásia. Trabalhava sem descanso, motivado por apenas uma imagem mental: Os Grandes Lagos artificiais do Núcleo, com seus módulos residenciais aéreos e parques subterrâneos.



Estava diante do grande muro da Zona Morta. Ao contrário do que se poderia pensar, a região não era protegida por pesados portões e os muros estavam tão deteriorados, que apenas ofereciam uma barreira simbólica entre os que estavam do lado de dentro e os que estavam do lado de fora. A entrada era resguardada por uma pequena guarita de vidros escuros, de modo que era impossível saber se de fato existia alguém vigiando a entrada e saída das pessoas. Aproximou seu antebraço do sensor instalado no portão. Nada aconteceu.

Tinha comprado este passe por quinhentos gramas de Zantrax, desviados de um incontável número de entregas. Só podia roubar alguns miligramas por pacote, uma quantia insignificante para que os clientes de Volkz notassem.

Sabia que se o sensor não conseguisse ler o passe, os fiscais de zona estariam ali em 20 segundos. Até mais rápido, por se tratar da Zona Morta. Tentou mais uma vez, o identificador produziu um chiado, e em seguida abriu.

Seguiu caminho, sempre em frente e em passos rápidos. Não podia manifestar que não sabia aonde ia. Poderia ser fatal. Na Zona Morta, todos sabiam para

onde iam. Passou na frente de um bar e não se conteve, deixando o olhar ali por alguns segundos. Nunca tinha visto aquilo, nem mesmo nos lugares mais periféricos do Ninho. “Ei rapaz!” Alguém das mesas gritou. Não conseguiu identificar quem era, não enxergava quase nada à noite. Apressou o passo. Sabia que se não achasse o lugar logo, seria seu fim.



- Quem?
- Vim fazer uma reconstituição.
- Não faço.
- Sei que faz, e posso pagar.
- Quanto tem?
- Zantrax, 500g. E Blows, 500g.

A porta abriu em um clique.

O lugar fedia. Não conseguia enxergar quase nada e isso o acalmava, pois não gostaria de ver o que estava produzindo aquele odor.

- Não dou garantias. Alguns saem errado... Pegam infecções... Morrem.
- Conheço os riscos.

Não conhecia. Sempre preferiu evitar essas informações.



Nos primeiros dias não conseguia sentir nenhum membro ou músculo de seu corpo. Devo estar ainda sob o efeito das anestésias, pensava, para alguns

dias depois ter a confirmação: a paralisia deu lugar a uma dor lancinante, que terminava invariavelmente em desmaios. Era despertado pelas ânsias de vômito, que o acometiam em intervalos irregulares, mas constantes. Não sabia se esses sintomas faziam parte do processo de cura ou de óbito. Não enxergava nada há cinco dias. Pensou na possibilidade de ficar cego para sempre. Neste caso morreria. Não sabia onde estava. Antes do procedimento o “médico” lhe colocara no bolso uma chave e dissera que, se acordasse, bastava destravar a porta do quarto e ir embora. Disse também que voltaria ao lugar depois de duas semanas para enterrá-lo, caso tivesse morrido. Este era o trato. Não o assustara no momento, mas não poderia dizer o mesmo agora. Tentava afastar estes pensamentos, forçando-se a sonhar com o futuro que sempre planejava assim mesmo. Mas de tanto sonhar, as imagens foram desbotando, perdendo a cor, até desaparecerem por completo. Virou escuridão. Um dia a porta se abriu. Era o médico. Não havia dado duas semanas ainda, mas precisava do lugar. Tinha mais um paciente. “Consegue enxergar minha mão? Não? Não faz mal, é muito cedo ainda, talvez ainda haja esperança pra você. Só que não aqui.” Deixou-o a alguns quilômetros da Zona Morta. “Você terá mais chances de sobreviver aqui fora. Destruí o seu passe. Nunca mais volte.”



Não saberia calcular por quanto tempo ficou deitado, inerte, naquela estrada até ser encontrado. Foi auxiliado por um pequeno núcleo familiar de descartáveis, que viviam em um pod-4 abandonado. Abrigaram-no por alguns meses, mas o pior ainda viria a seguir: seu corpo teria que enfrentar uma grave crise infecciosa que lhe custaria parte da visão.

Quando já podia se olhar no espelho e reconhecer-se, regozijante, como um puro, Marien, a linda filha do casal de descartáveis, engravidou. Uma fatalidade repetia incansavelmente a si mesmo, enquanto rumava de volta em direção ao Ninho. Quando chegou, já não pensava mais tanto nestas coisas. Era como se aquela preocupação não pudesse alcançá-lo à distância. De fato, raramente voltaria a pensar naquele bebê novamente. De volta ao Ninho, retomou contatos, comprou novas peças e mudou o nome. Após cinco anos já havia conseguido dinheiro suficiente para mudar-se para Os Lagos.

Agora era dono de um módulo residencial versão HM; cinco bonecas virtuais – que logo seriam nove, pois aguardava a chegada de um lote de mais quatro orientais, compradas recentemente; e de um estoque invejável de drogas psicotrópicas.

Era feliz. Não havia como não ser, ingerindo a dose correta de Zantrax, e mantendo seus hipersensores calibrados. Divertia-se contanto a sua história para quem quisesse ouvir, afirmando, repetidas vezes durante seu relato, que “havia escolhido o caminho mais difícil”. Convencia a si mesmo disto todos os dias. E não era preciso muito esforço de sua parte, uma vez que a terra macia dos atalhos não conserva por muito tempo as pegadas dos que passam por ali.

QUERIDA EU

ISABELLA VERISSIMO

Se você está lendo isso é porque deu certo. Aparentemente esse tal TimeWarpPlus funciona... Eu sei, você provavelmente está confusa. É que é complicado explicar... Você deve ser compreensiva, OK ? Vai ser meio difícil de acreditar... Eu sou você. Quer dizer, não exatamente... Sou você no futuro. No ano de 2025, para ser mais exata. Eu sei, parece piada, né ? Pegadinha... Mas não é. É verdade. Como posso te provar ? Hm.. Ok, lembra daquele diário que você criou com 11 anos que tinha um monte de coisas sobre o tal Eric de quem você gostava ? Você nunca mostrou para ninguém, certo ? Logo desistiu daquele amor platônico estúpido e se livrou daquilo... Pois é, só você mesma sabe disso. Quer mais ? Todas as músicas que você escreveu e nunca mostrou para ninguém, eu sei sobre elas. E como você gostava de sair no meio da noite e ir para o jardim da sua casa ficar sentada pensando. Ninguém te via, mas eu sei que você fazia isso, porque era eu. Entende agora ? Acredita em mim ?

Não sei bem explicar como isso tudo aconteceu. Você tem 28 anos agora... Já é uma mulher feita. Estranho pensar nisso não é ? Muita coisa mudou... O mundo é outro, completamente diferente. Só entender que isso aqui nos dias atuais é possível. Eu mandar uma carta para o meu eu do passado... Não, não é algo muito comum, mas você terá os contatos certos e participará dos testes dessa nova máquina... Uma máquina do tempo. Incrível. Pensar em como você sonhou com viagens no tempo enquanto assistia *Doctor Who*. Ou *De Volta Para o Futuro*. Mas ainda não tentaram mandar pessoas para o passado ou futuro. Só objetos..

É, na verdade, um grande risco que corremos. Te dar essas informações sobre o futuro pode ser catastrófico, por isso devemos ser muito cuidadosas.

Entenda, não posso te contar muito do que aconteceu. Eu imagino que seja frustrante para você. Você deve estar morrendo de curiosidade, cheia de perguntas... Lembro-me como estava confusa nessa época. Adolescência é uma fase tão complicada... Você quer mesmo saber o que aconteceu com você, não é ? Mas não posso dizer. E eu sinto muitíssimo por isso. Mas as escolhas que você irá fazer para tornar seu futuro (e meu presente) possíveis tem que vir de forma natural. Eu não posso te influenciar a nada... Não, não vou dizer qual a profissão que, afinal, você escolheu seguir. Mas posso dizer que deu certo. Você se formou tranquilamente, mas nunca parou de estudar. Fez sim faculdades (isso mesmo, no plural) e cursos... Aprendeu muito. Viajou bastante também... Ainda viaja, não acho que vai parar tão cedo. Não, sua vida não é perfeita. Mas a perfeição não existe...

Acredita que você tem uma família agora ? E você tem mais planos sobre isso, para o nosso futuro. Mas isso é algo que também deve ser natural, então não vou falar muito sobre. Você ficaria tão surpresa em saber como as coisas de desenrolaram... Aquilo que parecia tão complicado, perceberás que não era nada. Você vai ver só, muita gente foi embora. Claro, é sempre assim... Mas várias outras ficaram, e é com essas que devemos nos importar. Você tem a companhia de pessoas maravilhosas, Bella. É divertido pensar em como você reagiria à nossa vida atual.

Você irá morar em um apartamento grande e bonito que você mesma decorou. É, bem impressionante certo ? Você vai ter que lutar muito mesmo para chegar até isso, mas valerá a pena. E tem planos futuros para uma casa. Uma casa com mais espaço, se é que me entende... OK, preciso me controlar melhor.

Entenda, é difícil para mim também, sabe, não te contar tudo logo de uma vez. Mas é algo que não posso fazer. Primeiro, porque estamos tentando evitar qualquer paradoxo, qualquer problema que algo assim pode muito bem causar. Segundo, porque você deve descobrir o seu caminho sozinha. Eu já vivi tantas coisas, não posso te privar de tudo isso. Porque, bom, seria privar a mim mesma também. A vida é complicada sim. É difícil mesmo, não tem jeito. Mas ela foi feita para ser vivida, da melhor forma possível. Olha, querida, você cometerá inúmeros erros. Um atrás do outro. Muitos acertos também, coisas que farão toda a diferença. Coisas que você nunca poderia imaginar...

Sabe, você irá rir de vários desses problemas no futuro. Estou falando sério, as coisas vão mudar bastante. As casas vão ser totalmente equipadas como nos filmes que você costumava ver. O comando de voz vai ser uma coisa comum (estou falando de um bom comando de voz, inteligente de verdade. Não de coisas como a Siri que nunca entendem o que você diz). Sabia que o futuro não é tão ruim quanto você imaginava? O mundo mudou bastante e não é aquela catástrofe que você pensava que seria. Claro, nem tudo são flores. As pessoas ainda são bem estúpidas... Mas algumas revoluções vão acontecer... Não, não teve uma grande guerra ou coisa assim. A água também não acabou. O bom é que ainda resta muita gente realmente inteligente nesse mundo. E principalmente: gente inteligente que sabe como usar isso da forma certa. E se você tinha medo de não participar ativamente de nada, bom, pode ficar tranquila. Você vai fazer muita coisa.

Acho que gostará de saber que os livros não se tornaram todos eletrônicos. As bibliotecas com livros físicos, de papel, ainda existem. E essa ainda é a preferência da maioria... Ainda bem né? O 3D tornou-se bem melhor, hoje em dia nem é mais esse o nome... E as imagens dos filmes são realmente realistas, não

aquela imagem estranha que te dá dor de cabeça. Nossa, você iria enlouquecer se soubesse como os videogames estão agora. Ah, algumas questões foram resolvidas... Como o trânsito caótico das grandes cidades. O meio ambiente é algo que nunca parou de ser discutido, mas está tudo mantendo-se bem. Ainda existem coisas muito ruins, variam o tempo todo, mas o mundo vai seguindo. Como eu disse, nem de longe tão ruim quanto você imaginava.

Alguns valores se perderam, o que é preocupante. A liberdade das pessoas é bem menor... Excesso de tecnologia, talvez. Nada é tão simples quanto antes, mesmo com todas as facilidades. Mas acho que faz parte... As coisas tem que mudar, certo ?

Algo me faz crer que você ficaria bem orgulhosa se pudesse ver como sua vida será no futuro... Todas as coisas que você fará. Por você, pelas pessoas que você ama, pelo mundo. Para quem achava que nada valia muito a pena, que era só um pontinho no meio do nada... Só um conjunto de pó de estrela vivendo em uma rocha flutuando no espaço... Até que você se tornou grande. Não, nada de prêmio Nobel ou milhões de dólares ou medalhas. Mesmo porque nós duas sabemos que não ligamos pra isso. Mas você conseguiu fazer a diferença para você mesma e para várias pessoas, próximas ou não. Tem coisa melhor ? Não, não tem...

Você ainda tem tantos livros para ler, filmes para assistir, lugares para visitar, pessoas para conhecer. Muitos problemas, muitas soluções, tanta confusão... Não, você não vai mudar sua essência. Você continua uma garota meio estranha, toda complexa e cheia de manias. Se achando na própria bagunça, se perdendo quando tenta arrumar tudo rápido demais. É, os cabelos pintados, as roupas diferentes, as tatuagens que você sempre quis. Você é livre, sabia ? Você vive nos seus termos, como sempre desejou. E você tem as melhores companhias possíveis (você ficaria mesmo surpresa !).

Mas quero te pedir algo: por favor, tente se preocupar menos. Talvez com o futuro um pouquinho menos incerto você se sinta melhor, por isso estou te mandando essa carta. Eu lembro bem como às vezes as coisas eram difíceis... Lembro das suas dores, preocupações. Lembro bem da pressão. Do medo... Tente se acalmar. Só relaxa... Escute mais seus próprios conselhos. Você vai conseguir superar todos os obstáculos que quiser. Você ainda não entende isso, mas a verdade é que você é capaz de muita coisa! Corra riscos, cometa erros, tente tudo o que puder... Aproveite! Você achava que não ia sentir a mínima falta da sua adolescência quando se tornasse adulta, por ter sido tão complicada... Bom, na verdade você sente sim. Bastante. Então faça isso por nós duas! Aproveite! Vá atrás de encontrar seus sonhos e objetivos e realizar todos eles. Coma bastante chocolate, dance sempre que quiser, nunca deixe de ser apaixonada por música e siga no caminho da Wicca. De valor à essas pessoas que você sabe que são tão importantes, cuide muito bem de si mesma... E viva. Simples assim.

Pode confiar em mim, vai dar tudo certo. Você vai ficar bem.

Boa sorte.

Com amor,

Você no futuro.

PS: essa máquina é muito irada, sério, você vai amar. Entre outras, né... Você vai ver só O QUE OS COMPUTADORES VÃO SE TORNAR.

PS²: Você não faz a mínima ideia do quão difícil é se controlar para não contar TUDO. Mas não posso estragar a surpresa, certo?

PS³: Daqui a alguns poucos anos você irá receber uma proposta irrecusável, mas como você adora pensar demais vai hesitar. Não se preocupe, diga sim. Aceite. Vai mudar toda a sua vida (para melhor !).



A COR DOS SEUS OLHOS

**ALEXANDRE OLIVEIRA
SILVA DOS SANTOS**

O café estava pronto quando acordei. A cafeteira tinha uma programação inteligente; ela se ligava ao despertador do meu celular e, quando eu o desativava, ela começava seu trabalho.

Isso me dava tempo para tomar um bom banho. Aliás não era a única coisa que estes novos celulares faziam. Olhando para alguns anos atrás, isso já seria uma evolução significativa, porém não chegava perto da descoberta que mudou completamente a história da raça humana.

Enquanto tomava uma xícara de café, ouvia o noticiário e lembrava tudo:

doze anos se passaram desde a explosão no Grande Colisor de Hádrons. Em uma das tentativas de reproduzir o Big Bang, o choque entre átomos teria gerado uma energia desproporcional, ocasionando uma explosão que atingiu e matou 47 dos 48 cientistas que estavam no local. A energia propagada teve efeito apenas nas pessoas que estavam ao redor, mas foram os dados decodificados pelos computadores em Meyrin, durante o acontecimento, que revolucionaram os caminhos da nossa Ciência.

Eles mostraram uma nova dimensão de partículas, geradas por meio do bóson de Higgs. Entre elas a que foi chamada de QAYIN. Muitas pesquisas foram desenvolvidas e testes com o único sobrevivente até que os laboratórios perceberam a interação que essa partícula tinha com o DNA humano. Moldando de uma forma a otimizar as defesas naturais do organismo,

ampliando as capacidades físicas e removendo qualquer tipo de impureza. Isso significava a cura das doenças como Aids, câncer, e imunidade total a qualquer outra fraqueza biológica que pudesse aparecer.

Desliguei a televisão. A mídia sensacionalista iria utilizar a história de forma massante pelas próximas semanas. Abri as portas do meu carro pelo *bluetooth* e o painel já exibiu “bom dia, Senhor Walts”. Estava indo em direção à ala psiquiátrica do hospital universitário de Genebra, para encontrar com um novo paciente, aquele mesmo cientista que sobreviveu à explosão em Meyrin, John Druker. Aparentemente ele desenvolveu quadros psicóticos e aversão a aparelhos eletrônicos nos últimos meses. Após a traumática perda de todos os seus colegas de trabalho, passou a contar histórias sobre dimensões e abduções que eram no mínimo consideradas doentias. Agora toma alguns remédios para dormir e passa parte do dia sob observação médica.

Entendo parte do seu receio: os humanos que receberam injeções de QAYN obtinham curas milagrosas. Os cegos voltavam a enxergar e com alguns meses os paraplégicos recuperavam os movimentos. Todos recebiam imunidade a doenças e até o envelhecimento era retardado.

Claro que, mesmo estando próximo da perfeição, esse procedimento tinha alguma falha mínima.

Após 24 horas da injeção a íris era preenchida por um tom de azul metalizado, alterando completamente a aparência, refletida na nova cor dos seus olhos. Dizem que eles são as janelas da alma e nesse caso parecia que elas estavam totalmente fechadas. Era como tirar a humanidade de quem experimentava a cura, mas qual seria o preço de um milagre?

Que ironia. No caminho para o trabalho, o trânsito estava parado por um grupo de religiosos que fazia protestos para acabar com a utilização dessa cura. Seus cartazes diziam: “Vocês estão vendendo sua alma”.

A verdade é que isso dividiu a sociedade. O tratamento com QAYN não era barato. Aqueles que sofriam de doenças terríveis perderam sua fé ao experimentar esse novo tipo de redenção. Estou dizendo que as religiões perderam fiéis e se tornaram organizações com pouco poder de persuasão no mundo. Alguns governantes ainda mantêm bons laços com a população, mas a ciência tem se tornado a oração mais frequente na vida de qualquer ser humano. Eu mesmo fui uma criança bem religiosa, mas perdi esse tipo de vínculo. Acredito que, se algo faz bem a ponto de erradicar certas doenças humanas, então não deve ser de todo mal. Meu braço estava um pouco dolorido e me sentia estranho após a injeção, mas meu problema de visão parece ter desaparecido. Era isso ou fazer cirurgia a laser pra evitar a cegueira. Não demorei muito para chegar ao hospital e já fui recebido por um assistente:

-Doutor, ele está pronto!

Peguei minhas coisas e me dirigi ao quarto em que Druker estava. Abrir a porta foi fácil, difícil seria a visão que tive a seguir. Pouca coisa sobrou do cientista. A roupa continuava branca, mas agora tinha amarras. E seu cabelo curto bagunçado e a barba por fazer também ganharam uma condição imunda e desajeitada. Os olhos daquele homem quase esquelético à minha frente eram amarelos, bem apáticos, talvez por falta de sol ou quem sabe um pouco de insanidade mental. Porventura ele só tinha apresentado sinais de violência contra *Nods*. Pelo menos ainda não me tornei um. Mas daqui a algumas horas isto será diferente, só que até lá ele não saberá.

-Olá, Sr Druker, sou Able Walts, seu novo terapeuta. Vejo que seus dias têm sido difíceis.

Estou aqui para conversar um pouco. O que acha de se sentar nesta cadeira acolchoada pra relaxar e eu poder lhe fazer algumas perguntas?

Do fundo da sala branca e com as mãos levemente presas na camisa de força ele se sentou. Encarou meus olhos buscando alguma coisa.

- É. Não pode. Não há mais como salvar a tua alma. hesitante e com a voz trémula e também inebriada por calmantes, expressou as poucas palavras.

- Então você acredita em alma? É religioso, John? retruquei.

- A religião também não pode. Naaada.

Ele se levantou em fúria, gritando ao mesmo tempo que a saliva voava em suas sílabas. Continuou:

- Eu os avisei, aquilo que tinha lá matou a todos e vai matar muito mais para chegar aqui.

Ele alternou da ira ao choro em poucos segundos. Coitado, realmente a experiência da explosão foi bem traumática. Alguns pacientes desenvolvem fobias graves relacionadas a algum elemento relacionados a seu trauma. Isso pode explicar a aversão tecnológica.

-Acalme-se, John. Eu imagino o quanto foi difícil para você aquele dia. Você está repleto de emoções intensas e memórias mal resolvidas que precisam ser expostas. Vai se sentir bem melhor após conversar. Sei que muitos já ouviram toda sua história antes, mas eu gostaria de tentar ajudar. Posso?

- Tudo bem! Enxugou o choro e parou com o soluço para poder dar início ao relato.

Ele começou em tom inseguro, porém não com o que dizia, mas antecipando a minha reprovação. Contou que, no dia, alguma coisa estava errada com o LHC. Os computadores apresentavam uma leitura acima do normal de energia e, mesmo assim, a rotina de testes foi iniciada. Várias explosões aconteceram antes da principal. Nela, a onda de energia foi tamanha que desligou todos os aparelhos eletrônicos da redondeza. As câmeras não puderam ver que parte das paredes do colisor se estilhaçaram como uma folha de papel. Para John, o maior medo da comunidade científica tinha acontecido. Um “buraco de minhoca” se abriu; ele era do tamanho da própria explosão. Quem estava dentro foi transportado para uma outra dimensão e, nessa hora, começou uma história assustadora:

- Tudo era escuro e mesmo a escuridão parecia estar sendo absorvida por alguma coisa que não podíamos ver, apenas sentir. Era uma sensação terrível de estar submerso em um lugar onde nada que conhecemos existia, nem o tempo... nem o espaço. ele deu uma pausa.

- Olhei para o lado, procurando enxugar os olhos e acordar daquele vislumbre, e minha busca pela segurança da visão me proveu a revelação mais insana que a mente humana poderia captar. Uma aberração. Com um corpo que se assemelhava a uma água-viva ou vespa-do-mar. Translúcido, porém escuro e com um tipo de sistema vascular que carregava uma gosma espessa como petróleo para o topo. Em cima parecia que alguns sapos haviam se fundido formando três cabeças, mas sem nariz ou bocas. Apenas olhos, dezenas deles.

Parecia que ele podia ver o que descrevia, senti aflito, porém deixei continuar.

-Suas garras pareciam que nasciam e encolhiam à medida que necessitava. De alguma forma ele estava conectado com aquele universo e essa conexão se expandiu a cada um dos cientistas quando aparecemos. Eu sentia o que eles sentiam e podíamos ouvir os pensamentos alheios. A criatura estava obcecada pela nossa existência, algo que nunca tinha presenciado e foi como se tivesse lido nossas almas e descoberto a Humanidade. Então tentou nos tocar, como se quisesse possuir a todos, mas pareceu que nossos corpos não suportavam essa energia. Pra cada um que seus braços com garras tocavam, todos sentiam a mesma dor. A gosma espessa que carregava em seu interior começou a vazar da cabeça dos meus colegas e depois foram seus olhos e seus corpos que perdiam a vitalidade até morrerem. Foi assim um a um. De algum modo o céu parecia cada vez mais escuro para ilustrar o desespero daquele ser em não conseguir possuir o que seriam seus novos brinquedos. John parecia se emocionar ao lembrar tudo, quero dizer, ao recriar a história fantástica em sua mente.

- Com medo, quando seus braços gosmentos vieram a mim, fechei meu punho, nem me dei conta de que meu celular estava em mãos. Coloquei-o à minha frente e senti uma dor insuportável ao ter contato com uma das garras nojentas da aberração. Foi quando um raio de luz se aproximava de longe; pensei que era o fim, mas era a energia da explosão que estava se contraindo e me levando de volta para a casa. Quando voltei, era o único sobrevivente. Meus colegas estavam no chão, mortos inexplicavelmente, segundo os paramédicos que chegaram em seguida. Tentei acreditar que era mentira, mas olhei meu celular e ele tinha um pouco da gosma. Eu sentia a entidade ainda por perto e sabia que algum vestígio dela tinha ficado em algum lugar. Destruí meu celular, mas parece que não foi o suficiente, ele já tinha se conectado a mim e à rede do laboratório.

Uma risada tomou conta da sala, irônica e sádica. Foi a primeira vez que vi John sorrir e não tinha gostado nada disso.

- Você quer saber o que pode me salvar? Eu já estou corrompido, mas não tive escolha. Agora vocês se deixaram levar. Acha mesmo que aquele computador resolveria a tal fórmula do Qayin sozinho? Ele vive, está em mim e agora vem tentando descobrir uma forma de se conectar a todos os humanos.

Não é todo dia que encontro um paciente com tamanha habilidade para descrever uma alucinação dessa maneira. A verdade é que John Druker recebeu algum tipo de radiação na explosão e testes revelaram ser o primeiro homem a ter células com Qayin. Sua estrutura foi o que mostrou a outras pessoas como poderiam usar esta partícula para fabricar poderosas vacinas. É lamentável que o primeiro e único ser a receber a cura sem efeitos colaterais houvesse enlouquecido dessa maneira.

Era o momento ideal para um confronto. Passei a mão pelos meus bolsos à procura de algum gadget e encontrei meu celular com algumas músicas de que gostava. Coloquei sobre a mesa e percebi que os olhos do paciente se transformaram em um poço de medo. - Tira isso daqui, ele pode aparecer! John correu para o canto enquanto falava.

-Aqui, John, só tem algumas músicas, fotos e uma conexão de dados com a Overgate um tipo de rede de internet centenas de vezes mais rápida que o 7G, desenvolvida com a tecnologia quântica dos Qayin. Ela só começa a funcionar à noite, mas tudo bem.

O pavor aumentou e os gritos também, mas era a hora de mostrar a realidade a ele. Então procurei o aplicativo de música para iniciá-lo.

-Espere, o sistema travou, vou te mostrar que... ah, o que isso? um choque repeliu meus dedos.

Ouvi algumas lâmpadas nos corredores se queimarem. A tela do celular se partiu ao meio e não conseguia mais chegar perto com as mãos. A eletricidade começou a tomar conta do aparelho emanando uma onda para todos os lados da sala como uma explosão magnética. A energia quebrou as câmeras, entortou a porta e jogou a mesa para o canto. John caiu ajoelhado e parecia que algo invadia sua cabeça, parecia que ia explodir.

A energia não parava de emergir do aparelho. Foi quando senti uma presença real e absurdamente poderosa que tomava todo o ambiente. Uma luz intensa, quase como um fogo branco com bordas azuis tomou forma.

Ela formava garras sobre os olhos de Druker e estava quase que os esmagando. Depois veio à minha direção. Mesmo com olhos fechados era como se eu pudesse ver e isso deixava tudo pior e mais assustador. Enquanto tocava meus olhos eu estava conectado com a tal consciência e passei a entender toda sua história. Se pudéssemos compará-la com algo em nossa realidade seria equivalente a algum deus antigo, progenitor de universos. Acima do tempo e da matéria, carregando em cada traço milhares de anos em uma existência que não poderia ser assimilada pela dimensão humana. A dor era de mil agulhas que brincavam com meus órgãos, mas a entidade sabia que essa comunicação colocava meu cérebro entre o estado sólido e o de uma sopa cinzenta.

Aquele contato com o celular de John a fez perceber que podia se esconder através dos bytes. Graças a redes de Wi-Fi, ela conseguiu passar de um aparelho a outro e agora vive em praticamente todas as máquinas ligadas à internet. A maior parte da sua consciência ainda está nos confins deste universo. Ela sabe

que nossos cientistas abriram o portal uma vez e podem abrí-lo novamente, mas desta vez não quer perder as vidas que tanto cobiçou.

Com uma maligna capacidade de enganar os homens, mostrou formas de moldar o DNA humano, tornando nossos corpos mais fortes e passíveis de serem possuídos enquanto ela trata de se alimentar de nossas almas. Com Qayin, milhares de homens se tornaram *Nods*, uma sigla para Novos Organismos Não-degenerativos. Sem isso apenas John Druker conseguiu estabelecer uma conexão com este ser. Mas ele tentou através dos *mobiles* e computadores. Posso ver cada morte ou mente perturbada que ele criou após tocar seus cérebros sem sucesso na possessão.

Qayin é na verdade a ruína humana, mas ainda faltava uma coisa. Faltava.

Os homens criaram uma nova e mais potente rede de computadores, baseada em uma conexão com raios que vagariam de um lado ao outro da Terra se refletindo em satélites em velocidades maiores que a da luz para transmitir dados. Nessa hora eu já não resistia a tanta informação. Lembro de ouvir passos chegando; olhei para o lado e John estava espumando pela boca. Também havia sangue; acho que ele mordeu a própria língua. Foi quando apaguei. Acordei na enfermaria. Já era de noite, a visão ainda estava embaçada. Uma mulher veio me trazer um remédio para a dor de cabeça. Perguntei o que havia acontecido e a resposta era óbvia. Druker tinha sangrado até a morte, decepando sua própria língua. Ela me disse que poderia tirar o dia de licença, mas eu sabia que me culpavam pela morte do paciente. De fato não seria algo bom para a minha carreira, mas do que importa a carreira quando não se tem futuro?

A moça era um *Nod*. Eu olhava em seu rosto e nunca tinha reparado o quanto aquele azul metalizado nos olhos tornavam sua vida tão artificial. Entrei no

carro e meu *reader* digital começou a ler em voz altas as notícias do *feed*. O projeto Overgate de internet havia sido ativado e em algumas horas o mundo conheceria uma nova forma de se conectar.

No caminho ainda acontecia o protesto que estava parando o trânsito desde a manhã, mas agora havia do outro lado uma fileira de policiais, alguns deles *Nods*. Seus olhos brilhavam como ciborgues. Pareciam austeros e desprovidos de emoções. Pensei que não eram eles que haviam mudado e sim a minha visão. Percebi que alguns tinham gosmas negras escorrendo como lágrimas. Parecia que suas almas choravam enclausuradas naqueles corpos e entendi que o plano da aberração descrita por John tinha dado certo.

Em casa, tentei ligar a TV. Foi quando me dei conta de que os jornais falavam de contenção civil e estado de emergência. As transmissões mesmo em *full HD* tinham ruídos que não eram vistos desde 1980 e os celulares perderam o sinal. As luzes se foram com a eletricidade e eu sabia que era o começo do fim. Estava tão cansado que só me restou dormir na sacada, olhando as estrelas e amaldiçoando o que elas tinham escondido.

O mundo não era o mesmo quando acordei às 5h da manhã. Carros abandonados, pessoas fazendo fogueiras e crianças chorando pelos pais que não voltaram na noite passada. Aqueles policiais *Nods* apareceram; agora estavam com a pele de tom cinza e veias escura saltando como se carregassem um óleo no lugar de sangue. Não tinham voz humana, nem vontade própria, e se ainda mantinham alguma alma esta estava oculta pelo azul metal na cor de seus olhos.

Na rua, um carro tocava “Ain’t It Fun” dos Guns N’Roses: Não é engraçado quando você sabe que vai morrer jovem, é tão engraçado...Talvez seja. A cada minuto que passa o Qayin me faz ser menos humano. Sei disso graças a uma

ligação mental com os outros *Nods*. Estamos recebendo ordens constantemente da entidade que pretende atravessar as dimensões até nosso universo. Ela utilizou a conexão Overgate para se transferir a todos os humanos modificados e assimilar suas existências.

Ainda tenho algumas horas. A humanidade da qual eu estou deixando de fazer parte não está totalmente perdida. Só eu e mais milhares que se renderam às promessas sedutoras de uma vida isenta de imperfeições.

Olhei para uma janela e, no reflexo, percebi que já não tinha mais o olhar dos homens. Não me restava mais nada, exceto sentar e curtir o sol nascer, enquanto ainda podia ouvir o Guns.

UM MUNDO DE CRISTAL

ADNELSON CAMPOS

Hoje foi o dia do meu 62.º aniversário. Acordei bastante cedo para cumprir a minha rotina de professor universitário, depois de toda uma história profissional na indústria do petróleo.

Às 4h30min o despertador soou. Era o sinal para acelerar o ritmo, exigência do mundo atual. O computador convidando-me a levantar reproduziu a voz de um famoso astro de Hollywood do início do século, opção de minha esposa. Eu preferia a voz da Angelina Jolie, ou melhor, a imagem dela no auge de sua beleza. Mas acordos são acordos independentemente da tecnologia disponível para a satisfação de nossos desejos.

A janela da sala de estar estava projetando a imagem do jardim de nossa casa de campo, a que possuíamos até três anos atrás, o balanço das árvores, o som do brisa, tudo se ajustava ao horário do momento. Sob um comando de voz a imagem desapareceu e deu lugar à vista do prédio em frente, do outro lado da rua e ajustou-se à luminosidade do dia, corrigindo os efeitos da escuridão deste final de madrugada, quase amanhecer. Nossas construções, nossos objetos, tudo compõe um mundo de cristal ajustável.

Dez minutos após o despertar, o dispositivo de som do banheiro passou a anunciar a previsão do tempo e um resumo das principais notícias locais e do mundo com base nos assuntos que eu havia pré-selecionado. O dia seria bastante quente, característica dos dias atuais, e no fim da tarde cairia aquela

chuva. Felizmente as chuvas não trazem mais os problemas como no início a década de 10, quando o trânsito se tornava impraticável e os deslizamentos de encostas eram constantes. A meteorologia é mais precisa e a população em risco consegue se preparar melhor para fazer frente a eventuais emergências. Toquei o espelho e revisei a previsão do tempo. Busquei uma foto antiga dos meus filhos, sempre adorei vê-los sorrir. Fazer a barba e sorrir para meus filhos, que coisa boa! No mesmo instante recebi uma mensagem do meu filho mais velho. Ele está em Tóquio. O Japão é um turbilhão eletrônico e os robôs foram transformados em artigos de primeira necessidade. Não fosse a dieta japonesa, provavelmente estariam tão obesos quanto os norte-americanos ou mesmo os brasileiros que resolveram copiar o modelo de sedentarismo e dieta americanos.

Para permitir que minha esposa dormisse um pouco mais, na mesa do café da manhã utilizei o *point* no ouvido e o mesmo sistema, agora reproduzindo a voz sensual da Angelina Jolie, passou a relatar, depois de um comando de voz, os compromissos de minha agenda diária e mensal. Lembrei que precisava renegociar os custos do serviço e o fiz imediatamente, conversando diretamente com a atendente no outro lado da linha. Vou sugerir ao provedor que ofereça um serviço de conversão da voz da atendente de acordo com a preferência do cliente!

Ouvi uma notícia da mais nova descoberta de sinais de condições de vida em Encélado, lua de Saturno. Ao meu comando de voz a imagem da reportagem surgiu na tela de cristal na parede da cozinha, substituindo a imagem do quadro “Doze Girassóis numa Jarra”, de Van Gogh. São imagens da nave New Voyager III, que pousou na superfície do satélite no início do mês e comprovou indícios registrados pela New Voyager I que partiu da Terra em 2020. Estamos decididos a superar novas fronteiras mesmo! Talvez lá seja a nossa base e ponto de partida para novos sistemas solares, para o interior de nossa galáxia.

O mostrador digital de temperatura da minha xícara indica que o meu café está esfriando, preciso me apressar.

Naquele dia a minha rotina seria quebrada. Às 15 horas estava marcado o parto da minha primeira netinha, filha da minha filha mais nova. Senti um frio na barriga, como que a experimentar as três experiências anteriores do nascimento de meus filhos.

Poucos minutos depois de terminar o meu café eu já estava no meu local de trabalho: a sala de meu escritório em casa, também sala de aula, onde atuo como professor na Universidade Internacional Nelson Mandela de Sociologia. Levantar cedo era necessário tendo em conta as diferenças de fusos horários. Discutiríamos naquele dia a influência do desarmamento nuclear forçado da Coreia do Norte, ocorrido em dezembro de 2013 no comportamento econômico e social do planeta.

Em minha frente, sobre a mesa com tampo de cristal, como que a compor um tapete feito de retalhos, a imagem de cada um dos estudantes espalhados ao redor do mundo. No meu tempo de estudante, eu nem imaginava que um dia um pedaço de vidro substituiria ao mesmo tempo a mesa, o quadro negro, os livros, as anotações e ainda permitiria acesso a todas as bibliotecas e fontes de informações de cada canto do mundo. Além de tudo, é o meu instrumento de comunicação. Vender uma ideia é mais fácil do que quando comecei meu primeiro emprego na década de 70 do século passado, numa tipografia, onde as ferramentas eram alguns caixotins de tipos e rolos de tintas de uma impressora. Ainda lembrando o passado, olhando para as imagens projetadas, me lembrei do dia em que meu chefe me chamou à sua sala, quando eu gerenciava a área de suprimentos da unidade, 35 anos atrás, e me pediu sugestão para uma tomada

de decisão. Ele me perguntou: você acha que o uso de monitores coloridos tem futuro? Será que precisamos trocar os computadores com monitores monocromáticos? Pode parecer engraçado, mas para ele era uma decisão difícil. Na época ele, um pouco mais velho, ainda não tinha conseguido aceitar a ideia de trocar a sua máquina de escrever por um processador de textos.

Com a invenção do tradutor de voz instantâneo, em 2018, a língua deixou de ser uma barreira e agora é possível dividir o conhecimento online com qualquer ser humano do planeta. É lógico que algumas expressões ainda necessitam do apoio das línguas até então mais utilizadas, como o inglês e o espanhol, porém, só em situações excepcionais, para os locais de línguas exóticas. As falas são transformadas em texto automaticamente. E eu que usei, em 1986, uma cartela para conhecer as teclas e atalhos para o uso do WordStar!

Hoje a maior parte das aulas é ministrada por professores à distância, com apoio de instrutores locais. Com isso a educação deu um salto, pois os melhores profissionais foram escolhidos para as aulas ao vivo ou gravadas. O professor, antes de tudo é um comunicador global. Tiveram que se preparar mais para tal. Em contrapartida, são mais bem remunerados. Podemos compartilhar em sala de aula, ao mesmo tempo, em todo o mundo, por exemplo, uma palestra do ex-presidente Americano Barack Obama interagindo com um grupo pré-selecionado e conectado à Internet, sem depender de torres de transmissão ou de cabeamento. Nossas apresentações em PowerPoint deram lugar à projeção de imagens em 3D. Nas aulas de Engenharia, meus colegas conseguem projetar e construir equipamentos à distância, reproduzindo objetos com auxílio de impressoras em 3D.

Com o aperfeiçoamento e aumento do número de satélites, que agora são lançados até por estruturas municipais, o uso desses programas e sistemas

se popularizou ainda mais. A China não para de lançá-los. É lógico que o desenvolvimento traz também algumas preocupações e buscam-se acordos internacionais para regulamentar o uso do espaço da órbita da terra. Meu filho do meio participa dessas discussões. Ele trabalha na Agência Espacial Internacional, criada pela ONU.

Outra discussão em tela é o uso da Lua como base para instalação de torres de transmissão de imagens, voz e dados, além da instalação de possíveis sistemas de defesa no satélite. Acho que a melhor ideia é transformar a Lua em uma plataforma para reflexão da luz solar e gerar mais energia limpa na Terra. Mas há uma polêmica: afinal, a quem pertence a Lua? O Japão desde 2010 demonstrava suas pretensões de instalar uma base robótica na Lua. Os americanos dizem possuir preferência por terem sido os pioneiros nas missões ao satélite, ficando lá sua bandeira em 1969. Para mim, a Lua é minha desde a primeira vez que me apaixonei verdadeiramente.

Infelizmente as organizações criminosas também se desenvolveram e se utilizam de tais conquistas tecnológicas para atos ilegais ou antiéticos. As polícias de todas as nações tiveram que investir mais e mais no combate aos crimes cibernéticos ou de hiperinformação. A informação supera todas as barreiras e assim, os indivíduos mal intencionados acabam dispondo das mesmas informações que a grande maioria das mentes mais brilhantes do planeta.

Às dez horas fui até o Mercado Municipal buscar algumas frutas frescas e verduras. Precisei dar uma folga ao meu forno de micro-ondas onde descongelo o almoço e utilizar um pouco do meu velho fogão elétrico digital para uma comidinha feita na hora. Moro em Curitiba e, embora o mercado fique do outro lado da cidade, cheguei lá rapidamente.

O transporte coletivo hoje é melhor utilizado. A maioria dos passageiros possui intercomunicador celular. Quando se chega ao ponto de ônibus basta mencionar o destino requerido e, quando se aproxima o carro desejado, este detecta o passageiro demandante e para por vinte segundos ou mais, partindo somente após sua entrada. Nosso intercomunicador também serve como cartão de crédito, cartão de embarque, crachá e é chave para a maioria das entradas de edificações. Foi também o fim da carteira de couro para guardar os cartões, pois um único dispositivo armazena os dados e informações de todas as bandeiras contratadas. Cada intercomunicador responde somente às digitais e voz do proprietário.

Hoje não há cobradores ou motoristas e, mais uma vez, os cristais predominam na estrutura do veículo, ajustando a luminosidade ao meio. Como ainda existe diversidade de níveis sociais e nem todos possuem as mesmas oportunidades ainda, para quem não possui o intercomunicador, basta inserir o cartão de passagens no dispositivo do ponto de ônibus e dizer o seu destino. Para pessoas mudas ainda há o velho e bom teclado na parede do ponto de ônibus.

As vias, criadas exclusivamente para os ônibus, dispõem de dispositivos aplicados sobre a pista e os teleguiam através de impulsos elétricos. Tais dispositivos também podem detectar eventuais obstáculos à frente e transmitir as informações ao veículo de transporte público. Todo veículo para ser licenciado precisa de um dispositivo de localização. Assim, é possível controlar o tráfego da cidade, tornando-o mais seguro. Isto evita, por exemplo, as batidas em cruzamentos entre ônibus e demais veículos.

O trânsito, apesar do crescimento da população, está menos congestionado. Para circular pelas vias, motoristas particulares tem que pagar uma taxa muito alta, o que fez com que as pessoas migrassem para o transporte coletivo. Os veículos

leves são compactos, movidos a energia elétrica e muito confortáveis. Mesmo os modelos mais simples possuem os mais variados dispositivos, tudo com toques nas telas de cristal.

Nos carros o cristal também predomina na estrutura, o que facilita a escolha de cores e até mesmo a aplicação de gravuras ou imagens sobre eles. Podem ser verdadeiros outdoors ambulantes ou simplesmente reproduzir a extravagância de seus proprietários. As fibras de carbono, também utilizadas nos carros e em outros equipamentos, popularizaram-se e são produzidas em larga escala pela indústria do petróleo, como forma de agregar valor aos seus produtos. Os norte-americanos e sul-coreanos estão testando os primeiros veículos que flutuam no ar, guiados por ondas especiais transmitidas por torres estrategicamente colocadas no topo dos edifícios, formando corredores controlados por um computador central. Isto nos tornou independentes do controle de tráfego operado por especialistas humanos, mais sujeitos a falhas e erros.

Antes de passar pelo mercado precisei apanhar uma encomenda feita pela minha esposa. Digitei o endereço no site do provedor do serviço de GNS (Guia de Navegação por Sensores) e, quando acionei o dispositivo em meus óculos, que agora utilizava como óculos de sol, eu pude seguir as indicações do sistema agora projetadas em minhas lentes. Se quisesse, eu receberia as mesmas informações em formato de voz no plugue do fone de ouvido. Por sinal, plugues bem mais confortáveis e higiênicos que os da época em que lançaram os iPods. Como os sensores estão instalados nas torres de comunicação e são locais, as informações do GNS estão sempre atualizadas e informam inclusive reparos em ruas e estradas, sinalizando caminhos alternativos. Também são utilizados como guias comerciais.

Os óculos também evoluíram significativamente e não é mais necessária a troca de lentes cada vez que seu nervo ótico se torna mais cansado, ou que o seu grau de miopia tenha se acentuado, por exemplo. O usuário mesmo ajusta os parâmetros. Dizem que daqui a alguns anos poderemos enxergar as estrelas e outros astros sem precisar de telescópios. As lentes recebem o sinal luminoso e, numa conversão eletrônica, podem nos aproximar mais da visão dos corpos celestes. Ir a um estádio e perceber detalhes do jogo também será possível. Não será mais necessário adivinhar o nome do jogador ou ficar em dúvida se a bola entrou ou não. Com o avanço da tecnologia de materiais, nem lente embaçada, suja ou riscada temos mais.

Nunca gostei de fazer compras em supermercado. Sempre tive dificuldade em localizar os produtos nas prateleiras e achava entediante aguardar as intermináveis filas para o pagamento. Hoje podemos preparar a nossa lista de compras e, com o código de cada produto desejado, armazená-la no cartão intercomunicador. Ao chegar ao mercado, toca-se o *tablet* do carrinho do supermercado com o intercomunicador e a tela do computador lhe mostra a localização do produto, o número de unidades remanescentes, o preço e mais uma gama de informações sobre o produto. Também apresenta uma lista de produtos alternativos disponíveis. Ao final, quando você cruza a porta do mercado, os custos das compras são debitados em seu cartão de crédito. Assim, deve-se tomar o cuidado de, antes da conexão com o carrinho de compras, escolher a bandeira do cartão a ser utilizada para o débito das compras. As filas acabaram, pois, a porta possui um dispositivo que lê cada uma das etiquetas que, além de código de barras para consulta de preços no dispositivo do carrinho, possui um microchip sensibilizado no momento da impressão que contém as informações do produto e do preço.

Feitas as compras, voltei para casa. Eu e minha esposa preparamos o nosso almoço e partimos para acompanhar o parto da minha garota.

Conectamos o monitor da sala de estar de nosso apartamento no site da clínica e digitamos a senha de acesso às imagens de uma das salas de cirurgia. Pudemos acompanhar toda a preparação dela para o procedimento e numa outra janela na tela do monitor podíamos ver o bebê, ainda na barriga de sua mãe, com todos os seus movimentos, em imagens coloridas, transmitidas a partir de um aparelho de diagnóstico por imagens que projeta ondas a partir de dispositivos fixados no teto da sala de espera e da sala cirúrgica.

O procedimento está começando. Acabei de receber uma mensagem na tela do intercomunicador celular. É um aviso da empresa especializada em diagnóstico cardíaco. Houve alteração na frequência e aumento na minha pressão arterial. O anel que tenho em meu terceiro dedo da mão direita possui um micro aparelho que recebe sinais de meu corpo e envia sinais via Internet para um centro de especialistas em doenças cardíacas. No caso de algo mais grave, mensagens são enviadas para pessoas que credenciei e para o hospital de meu plano de saúde.

Anéis similares estão sendo desenvolvidos para receber impulsos do cérebro e mover e controlar aparelhos eletrônicos ou até mesmo próteses biônicas em humanos. Serão utilizados anéis ao invés dos possíveis implantes de chips próximos ao cérebro, que ofereciam riscos aos usuários. Como cada terminal nervoso possui conexão com o cérebro, os anéis conseguiriam um canal preferencial, ampliariam os sinais e comandariam os objetos a certa distância.

Precisei tomar o meu anti-hipertensivo. A emoção foi grande. O parto foi bem sucedido. O choro de minha neta foi um som recompensador. Ela foi para uma espécie de incubadora. A enfermeira inseriu os dados de condicionamento do

aparelho e, segundo o médico, as condições no ambiente simulam as mesmas condições do corpo da mãe. Logo que nasceu foram coletadas as impressões digitais dos dedos, das mãos e dos pés. Minha neta ganhou um registro de identidade, um CPF e uma conta na internet. Já era, bem cedo, cidadã do mundo. O material coletado para análise já foi submetido a um analisador online e os resultados começaram a ficar disponíveis na conta de minha neta.

O fim de tarde chegou e saímos, eu e minha esposa, para uma caminhada. Com a verticalização da cidade, foram abertos novos espaços verdes onde os habitantes costumam praticar esportes e sair para conversar. O governo instituiu um programa de educação para a qualidade de vida e conseguiu com isso que as pessoas passassem menos tempo na frente dos computadores e aumentassem a socialização nas conversas, nos encontros face a face. Por incrível que pareça, passamos a conhecer nossos vizinhos, a fazer novas amizades. O verde e as máquinas eletrônicas conseguiram conciliar-se e humanizar os espaços.

É interessante o misto de verde com as placas e sinais eletrônicos. A iluminação ressalta a beleza da natureza. Hoje temos mais florestas que em 2015 e a projeção é que elas devam crescer em 30% até 2035. A genética criou novas espécies. Hoje áreas desérticas começaram a produzir alimentos com base em vegetais mais resistentes. Assim, mesmo com o crescimento populacional conseguimos alimentar mais e com maior qualidade os 8 bilhões de pessoas deste mundo.

Com os implantes de células-tronco, órgãos vitais hoje são regenerados. Até uma dentição nova é possível. Com isto minha expectativa de vida, com saúde, aumentou. Quem sabe eu possa acompanhar um pouco da vida da minha netinha e dos netos que ainda virão? Também quero experimentar um pouco de toda essa tecnologia, de todas as descobertas e invenções que surgem a cada dia.

Não há limites para a imaginação. Assim, não há limites para materialização dos sonhos. Esse é o diferencial do homem, sua capacidade de sonhar.

CINCO CORES EM SEU CABELO

BEATRIZ VANZETO

Você sabe que não deveríamos estar aqui, certo? – gritou Lola por cima do barulho do vento. Mesmo atrás de mim, podia ver seus cabelos pretos esvoaçando como um rabo de cometa, as mechas coloridas dando um efeito ainda mais espacial. Especial.

Acenei com a cabeça, concentrado demais dirigindo a prancha magnética através da escuridão impenetrável. Silenciosamente agradei por Lola, assim como eu, não ser tão adepta às cirurgias exclusivas. Com o avanço da tecnologia médica, diversas operações estéticas tornaram-se mais simples – e comuns – do que antigamente. Mudar a cor da pele para tons gritantes, modificar a estrutura do cabelo, exibir tatuagens sensitivas, usar de esmaltes e maquiagens inteligentes, roupas permanentes, fortificar ou substituir a pele com escamas, ossos feitos de cerâmica... Tudo isso transformava o diferente em normal. E vice-versa. Com tantas coisas para se fazer no corpo, era difícil ter um limite.

Além de tudo, o fato de não haver mais uma moeda de troca apenas contribuía para esse descontrole. Com a ausência de países, as cidades-estado – autossuficientes e regidas por suas próprias leis – faziam acordos entre si para manter a ordem mundial. Acordos para permitir o livre trânsito de pessoas, compartilhar novas tecnologias descobertas e matérias-primas eram comuns nos dias de hoje.

– Galho – avisei e abaixamos ao mesmo tempo, desviando do pedaço de madeira mortal vindo a mais de 60 quilômetros por hora.

Voamos por mais alguns minutos em silêncio. Sabia que Lola sentia-se desconfortável sem a presença da interface, mas valeria a pena. O grande museu abandonado era uma das excursões proibidas preferidas dos jovens de nossa cidade. O ambiente escuro, abandonado e, de certa forma, sombrio, dava um clima misterioso e ligeiramente romântico ao passeio. Em outras palavras, perfeito. Com a interface, Lola lançaria um sinalizador com nossa localização para os Buscadores e, em dez minutos, toda essa viagem teria sido em vão.

Entramos em uma clareira que abria-se para o céu escuro. Nesta parte do caminho, tão longe da cidade, podíamos ver as estrelas. Mal precisávamos do farol da prancha iluminando o caminho; a Lua já fazia isso por nós. Lá na frente, o grande prédio erguia-se na escuridão, ladeado por árvores antigas e gigantescas. Os dizeres “Museu Nacional de Tecnologia” eram o único enfeite visível depois de tanto tempo de abandono.

Não pude evitar um sorriso. O museu era um dos meus lugares preferidos no mundo.

– Chegamos.

Lola segurou mais forte em minha cintura, seu corpo aproximou-se mais um pouco do meu. Mexi o pé e a prancha magnética pousou no chão, a uns 100 metros da entrada. Tiramos os braceletes antiqueda e descemos, tocando a grama coberta de orvalho.

– Por que viemos até aqui, mesmo? Refresque minha memória – apesar de sermos as únicas pessoas em, pelo menos, 150 quilômetros de distância, Lola sussurrava.

– Por que, por que, por que. Você pergunta demais. Aliás, você sabe que estamos completamente sozinhos, certo?

– Certo, mas não vamos arriscar. Sinto-me nua sem a interface. – ela riu quando viu o sorriso que dei.

Demos as mãos e caminhamos até a entrada do museu. Não precisamos fazer grandes esforços para entrar no ambiente já que a porta estava aberta, resultado de visitas anteriores. Tirei uma lanterna do bolso e a acendi, iluminando o local. Havia uma trilha de poeira demarcada no chão, indicando as exposições mais vistas.

– Vamos explorar! – brinquei.

Durante as horas seguintes, passamos por várias relíquias.

Na parte de uso pessoal, uma tela preta de 25 centímetros era identificada como iPad: algo entre um telefone e um computador portátil; dois aparelhos idênticos eram colocados lado a lado e, logo abaixo, uma plaquinha de identificação explicava o motivo: um deles, conhecido como iPhone, fazia ligações e o outro, denominado iPod, não; um pequeno dispositivo, chamado de *pen drive*, era destinado ao armazenamento de arquivos e dados; fios de diferentes cores eram utilizados nos ouvidos para ouvir músicas; laptops, notebooks e computadores portáteis foram organizados em uma linha crescente de tempo.

– E pensar que o anel de interface faz tudo isso e um pouco mais. – refletiu Lola.

Na seção seguinte, de transportes, grandes veículos pesados, feios e enferrujados eram ditos como os últimos modelos de automóveis - carros quadrados, grandes caminhões, motos compactas, gigantes aviões. Todos eles equipados para se movimentarem com a queima de combustíveis fósseis que liberam gases nocivos

à atmosfera terrestre. Nas paredes, grandes painéis explicando os problemas relacionados a um tal de efeito estufa.

Grandes mãos robóticas, telescópios desengonçados, gigantescas máquinas brancas, diversas ferramentas de cirurgias e mais uma infinidade de apetrechos eram exibidos no espaço reservado à tecnologia medicinal.

– Nós fazemos tanto com tão pouco, se comparado a todas essas coisas. Hoje em dia temos menos da metade de ferramentas e são feitas três vezes mais cirurgias. Com apenas um transporte podemos viajar para destinos mais longos e com menos impactos ambientais. Fundimos diversos aparelhos em apenas um simples anel. É interessante pensar desse jeito.

– Sim, temos isso tudo agora, porém não teríamos chegado até aqui sem passar por toda essa parafernália. Do mesmo jeito que, daqui a alguns anos, nossos filhos olharão para trás e pensarão da mesma forma que nós. É um processo sem fim. E, sinceramente, me assusta um pouco. Compactamos e melhoramos tantas coisas... o que terá para compactar e melhorar daqui 50 anos? O que ainda há para inventar? – indaguei. – Sempre penso nisso quando venho aqui sozinho.

Nos dirigimos em silêncio para a saída, ambos remoendo as próprias dúvidas. Subimos na prancha magnética e vestimos os braceletes antiqueda. Mexi o pé e a prancha ganhou vida, levitando alguns centímetros acima do chão. Lola postou-se às minhas costas, abraçando minha cintura como tinha feito antes.

– Sabe, acho que gosto do agora. Não do passado, nem do futuro; do agora. Gosto de pensar que somos mais avançados do que muitas pessoas já foram algum dia, ao mesmo passo que ainda somos nenéns engatinhando no quesito tecnologia. Estou feliz deste jeito.

Sorri. – Agora você entende o porquê? De eu ter trazido você até aqui, quero dizer.

– Sim – ela retribuiu o sorriso.

Inclinei-me ligeiramente para frente e começamos a nos movimentar. Mesmo tão longe, podia sentir a energia inovadora de nossa cidade puxando-nos em sua direção. Demos as costas ao passado e fomos em direção ao agora.

POLÍCIA DO FUTURO

LUCIEL RIBEIRO

No ano de 2025 aconteceu o seguinte:

Paulo estava entediado em seu trabalho, quando bateu uma curiosidade danada de saber onde estava sua esposa.

Pegou o celular, último modelo lançado, e perguntou:

– Onde está a Raquel?

Alguns segundos depois, uma voz feminina respondeu:

– Rua das Laranjeiras, 299, bairro do Botafogo – cidade do Rio de Janeiro.

Paulo estranhou aquele endereço e rapidamente, pelo próprio celular, entrou na internet para ver no mapa qual era o lugar em que sua esposa estava.

– Motel Bananeiras!!! – indignou-se o homem, levantou-se da mesa em um pulo e apanhou as chaves do carro.

– Vou resolver um assunto urgente – avisou para a secretária. Entrou no carro movido a óleo de soja e ordenou para o computador de bordo: – Rua das Laranjeiras, 299, bairro do Botafogo – cidade do Rio de Janeiro.

Paulo foi dirigindo, guiado pelo GPS. Parou em frente ao Motel Bananeiras por volta da três da tarde. Não sabia o que fazer, por isso pegou o seu Decisor, um aparelho inventado pelos japoneses para ajudar os humanos a tomarem decisões. Ele parece um iPod, mas com duas luzinhas, uma *YES* e outra *NO*.

– Eu devo entrar no motel e ver o que minha esposa está fazendo? – perguntou –
o Decisitor acendeu a luzinha *YES*. Paulo entrou.

– Ligar modo de rastreador: Raquel! – ordenou para o celular. Automaticamente
o aparelho começou a emitir um ruído, mais ou menos assim: BIP.....
BIP.....BIP.....BIP.....BIP

Paulo foi dirigindo bem devagar, passando em frente aos
quartos, de repente, o aparelho acelerou os batimentos: BIP.....BIP.....BIP.....BIP.....
BIP.....BIP

E quando Paulo parou em frente ao quarto 17, o aparelho surtou de vez:
BIP!BIP!BIP!BIP!BIP!

Era no quarto 17. Paulo limpou o suor de testa, o que fazer?

– Se ela estiver lá dentro com outro homem, o que faço? Deixo pra lá?

Decisitor: *NO*

– Peço o divórcio?

Decisitor: *NO*

– Mato ela e o amante?

Decisitor: *YES*

Paulo pegou o revólver embaixo do banco. Aproximou-se da porta, experimentou
a maçaneta – estava aberta. Assim que foi chutar a porta e entrar com tudo, duas
viaturas entraram no motel.

– Jogue o revólver no chão e coloque as mãos na cabeça! – mandou o policial.
Paulo obedeceu e, sem entender, perguntou: – Mas o que eu fiz?

- O que iria fazer – respondeu o policial passando-lhe as algemas – estamos no futuro, agora a policia consegue chegar na cena do crime, antes do crime acontecer.
- Minha mulher está lá dentro com outro homem, eu só queria dar um susto – argumentou Paulo. O policial olhou para seu relógio e respondeu: – De acordo com o meu relógio com detector de mentiras, o senhor acabou de dizer uma mentira.
- Papai! – gritou uma mocinha saindo do quarto 17.
- O que está fazendo aqui? – perguntou Paulo, não entendendo mais nada. Logo atrás da mocinha, saiu o namorado dela, que Paulo logo reconheceu.
- Eu que pergunto, o que o senhor está fazendo aqui? – retrucou a filha.
- Eu pensei que sua mãe estivesse aqui com um amante. O meu celular a rastreou até aqui. – Deve ser porque eu peguei o celular da mamãe emprestado, o meu está carregando.
- Está vendo seu policial, tudo foi um mal entendido – disse Paulo.
- Pode até ser, mas o senhor está preso.
- Mas eu não fiz nada!
- Se a gente não tivesse chegado, sabe o que o senhor iria fazer?
- Não.
- Iria entrar no quarto, iria escutar os gemidos, iria achar que era sua esposa, iria apontar o revólver, iria atirar até acabar as balas, iria fazer tudo isso sem ligar as luzes, e quando acendesse, iria ver que matou a filha e o namorado dela.
- Meu Deus! – se desesperou Paulo.

– Então o senhor está preso por homicídio duplo. Vai passar os próximos cinquenta anos na prisão. Agora vamos!

Paulo foi preso; a filha e seu namorado continuaram vivos; e Raquel acabou se divorciando para se casar com seu vibrador.

Tudo isso aconteceu em 2025, acredite se quiser.



UM DIA DA MINHA VIDA EM 2025

JOSÉ SILVA

Voltando da reunião do Grupo dos 12, encontro Helena, minha bisneta de 17 anos, lendo minha velha agenda de 1992 que hoje cedo resolvi presentear-lhe. Mesmo antes de qualquer cumprimento, interroga-me:

- Biso, que história é essa de energia ono-zone, Relatório Brodie. Vocês acreditavam mesmo nisso?
- Vocês os velhos, tu queres dizer, não é isso? Respondo provocando-a.
- Não, Biso, não te chateias comigo... quero dizer, o pessoal daquele Conselho dos 12.
- Não, o Grupo é coisa nova, posterior a esse tempo.
- Mas aqui na sua agenda você fala de um tal Conselho dos 12, pensei que fosse a mesma coisa.
- Não, Filha, não é. Apenas nos inspiramos no Conselho Alfa e Ômega, mas ele é bem mais importante que o nosso grupo...
- Mas, diga lá Biso, essa história é verdadeira, esse relatório existiu mesmo?
- Sim, claro que existiu, mas não te poderia garantir que a história que ele relata seja verdadeira. Como vou saber? Quase tudo que lemos nessa área está sujeito a dúvidas porque sempre pareceu tão absurdo que poucos acreditam.

- No entanto parece que as coisas aconteceram mais ou menos naquela direção prevista por vocês...
- Não por nós, exatamente, Helena, mas por aqueles seres em que nós acreditamos, o tal Conselho Alfa e Ômega.
- Então a verdade é que você, pelo menos você, acredita mesmo no que o relatório diz? Conte-me lá, anda, me dá mais detalhes...
- Bem, o que se conta é que um tal William Brodie viajava num voo doméstico nos Estados Unidos, quando a porta da aeronave se abriu ele foi arrebatado de dentro dela, fato absolutamente incompreensível para todos. O mais estranho, porém, é a associação desse fato com um outro: Roosevelt, presidente dos EUA naquele tempo, recebeu posteriormente uma mensagem do Rei da Suécia, Gustavo V, através do embaixador daquele país, alertando-o sobre os riscos envolvidos com a utilização da energia atômica, como vinha sendo projetado pelos EUA.
- É, eu sei, Hiroshima...
- Isso mesmo, e três dias depois Nagasaki, ambas destruídas com bombas atômicas.

Helena indagou-me se haveria relação entre isso e os cataclismos que experimentamos nesta última década.

- É claro que sim, Lena. Nestes últimos 70 anos fomos fustigados por alguns importantes desafios relacionados com tudo o que aconteceu a partir de então. A maioria, porém, parece não ter sido capaz de perceber os três mais instigantes desses desafios.
- Que desafios? Helena quer saber.

- Anote, então, menina curiosa: primeiro, a fenomenal explosão do conhecimento; depois, os perigos decorrentes dos enormes avanços tecnológicos alcançados, e, por fim, um obscurantismo nefasto causado exatamente por esse saber crescente.

- Isso está-me parecendo um tanto confuso...

- Mas é até certo ponto, simples, Helena. Procura entender: toda essa tecnologia chegou-nos desconectada de uma visão global da vida. Absorvemos esses avanços desvinculando-os de uma maior consciência planetária e também do nosso lado afetivo. E porque fomos incapazes de compreender a necessidade de religar conhecimento e amor, todo o saber que acumulamos acabou por tornar-se nocivo em relação a nós mesmos. Entendeste agora?

- Mais ou menos... é como se tivéssemos construído um robô que depois não sabíamos mais controlar, é isso?

- Exatamente. Esse “robô” não pensava, não sentia, não amava, apenas sabia fazer aquilo para que fora programado. Quem o programou estava entre aqueles que não souberam escapar ao “obscurantismo nefasto”, sem consciência real das nossas verdadeiras necessidades.

- Mas ninguém fez nada para evitar isto, Bisó? Todos se calaram e aceitaram? Éramos todos normóticos?

- Não, Helena, nem todos. Hoje falas “normótico” com toda naturalidade, mas naquele tempo essa era uma palavra pouco conhecida, as pessoas não se davam ao trabalho de entendê-la. Os normóticos não foram capazes de escutar o clamor da Vida, mas nem todos calaram. Houve mesmo um homem que apontou seguidamente um caminho. E foi exatamente esse caminho o que pôde, enfim, salvar-nos da tragédia total. Hoje fica fácil saber que ele foi um profeta. Naquele tempo dizer isso pareceria ridículo.

- Continua, Biso, continua, isso está ficando interessante.
- Ouça então. No final do século passado poucos compreenderam a necessidade da construção de uma inteligência integral, para dar seguimento ao “parto” que a humanidade iniciara, como dizia o profeta, vaticinando: “É necessário pensar globalmente e agir localmente, para não agir loucamente. O desafio é transdisciplinar e exige uma educação transdisciplinar”. Só assim, acreditava ele, seria possível alcançar uma inteligência integral que nos permitisse enfrentar os tremendos desafios apontados pelo novo século em que há pouco havíamos adentrado. Falava da necessidade de “uma nova Escuta” em relação à realidade que nos negávamos a enxergar.

O silêncio e a atenção de Helena eram totais. De repente dá-se conta de que exatamente naquele dia eu completava mais um ano de vida.

- Biso, me perdoa, ia quase esquecendo que hoje é teu aniversário! Nem ao menos te comprei um presente...
- E fizeste bem, Helena, para que isso? Hoje é apenas mais um dia na minha vida. Tu és o meu presente, por toda a luz que trouxeste quando vieste ao mundo. Não tens um presente para mim, dizes, mas tu és o meu presente todos os dias.
- Biso, vamos almoçar juntos, está bem? Será o meu presente para ti. O meu Grupo de Estudos vai reunir-se lá no Centro de Pesquisas de Novas Tecnologias Alimentares e, após o almoço, veremos apresentações sobre o que vem sendo desenvolvido lá no CPNTA. Vais gostar. Tia Virna vai apresentar os primeiros resultados que ela obteve com o seu projeto de controle de desintoxicação do solo e haverá uma degustação de pães e biscoitos produzidos com cereais já obtidos através de plantios em solos desintoxicados.

- Ótimo, eu topo. Ando mesmo com saudades dela. Tu sabes que essa tua tia é a responsável por estarmos cá, neste Planalto Central, não? Desde que voltou da Europa ela insistiu na ideia de desenvolver os estudos que resultaram nesse projeto.
- Bem, quando a Tia Virna largou tudo para voltar ao Brasil eu era ainda muito menina, mas ela veio mesmo a tempo, não foi? Logo após aconteceram aqueles desastres ecológicos que praticamente arrasaram a Europa. Lembro que ficamos uns bons dias sem termos notícias porque as comunicações foram todas interrompidas...
- É verdade, Helena, é verdade. Penso que desde a Idade Média, não havíamos vivido tamanho isolamento. Nada funcionava. Mas passou, minha Querida, já passou...
- Mas, Biso, nem mesmo os robôs enviados para consertar os satélites resolveram o problema? Já não havia então tecnologia suficiente para superar isso?
- Sim, havia, Helena, mas as tempestades eram tão frequentes e intensas que levamos muito tempo para superá-las.
- É, não fosse a ajuda que recebemos dos Guardiães das Plêiades...
- Helena, por favor, contei-te isso, mas não deves ficar falando por aí. Não te acreditariam e poderias mesmo passar por vexames desnecessários. Não esqueças que os normóticos ainda estão na direção do Planeta e isso diz tudo, não?
- Claro, Biso, claro, fica tranquilo, sei onde posso e onde não posso falar o que sei...
- Isso mesmo, apesar dos avanços forçados que experimentamos ainda estamos um tanto longe do dia em que o Planeta estará a viver sob a hegemonia dessa

nova doutrina. E quando falo assim não estou dizendo que pretendemos qualquer ação que nos remeta às antigas formas de dominação de um grupo humano sobre outros grupos. Falo de Fraternidade, tu entendes, não é?

- Certo, eu entendo. Mas, Biso, fala um pouco sobre os nossos Guardiães, se é que podes, ou pelo menos, o que podes. Sinto enorme curiosidade...

- Bem, eles nos ajudaram, e muito. Dizem que o fizeram por uma questão de equilíbrio do Universo que juntos habitamos, embora pertençam a uma outra galáxia.

- Sei, mas como foi isso? Como chegaram cá se moram tão longe de nós? O que disseram sobre o nosso futuro, quando vieram, esse futuro que hoje estamos a viver?

- Helena, eles estão anos-luz distantes de nós e a tecnologia que utilizam também. Deslocam-se por desintegração e reintegração da matéria, só assim poderiam vir até nós. Apresentaram-se como bolhas transparentes no interior das quais víamos luzes de todas as cores, a tremeluzir. Comunicamo-nos por telepatia e eles não nos fizeram exigências ou imposições. Ao contrário, pediram desculpas por não poderem ajudar diretamente por não terem permissão do Conselho Intergalático para interferirem nos destinos de outras civilizações cósmicas. Alertaram-nos quanto ao risco de destruição do planeta pela utilização da energia atômica...

- Mas já fizemos, Biso, Hiroshima, Nagasaki...

- É verdade, mas numa escala ainda não totalmente comprometedora para a integridade da Terra. Lembraram sobre a necessidade de irmos a reconhecer a urgência da adoção da Lei da Fraternidade Universal, para eles uma lei tão óbvia quantas outras que atuam sobre nós, como a lei da gravidade, por exemplo.

Mas fomos incapazes de fazermos essa nova escuta, como queria o profeta. Ainda em 2010, o Secretário da ONU apresentou um relatório em que dizia: “A mensagem desse relatório é que a verdadeira ameaça à segurança do planeta é o aumento insidioso da pobreza e da pressão sobre o ambiente global... Se não fizermos nada para mudar nossos padrões indiscriminados atuais de desenvolvimento, comprometeremos a segurança da Terra e de seu povo no longo prazo”. Fizemos quase nada...

- Biso, como podemos ter sido tão insensíveis? Esse povo não tinha um mínimo de amor pelos seus semelhantes, pelo Planeta? Não tinham filhos, netos, não pensavam no futuro?

- Diria que não, Filha, que só o dinheiro e o poder lhes interessava. Hoje, sabemos, o dinheiro tem uma força relativa. Há mesmo comunidades em que ele já não circula, e vive-se muito bem sem ele. Aliás, nos nossos piores momentos uma coisa ficou muito clara: não se come dinheiro!

- Mas, voltando ao que você estava falando sobre a incapacidade daquelas pessoas de enxergarem o mal que estavam fazendo ao Planeta, a si mesmas, como ficou isso?

- Ficou mal. Tivemos, sim, boa parte dos cataclismos de que falavam todas as previsões, embora elas tenham falhado na análise das causas. Era óbvio que iríamos ter problemas com a água. Gastávamos demais, e mal, poluíamos nascentes, rios e lagos. Que podíamos esperar então? Mesmo assim, as previsões de que já não mais teríamos água potável a partir deste 2025 estavam erradas, felizmente. Mas não estávamos mesmo dispostos a mudar nada. Ninguém parecia compreender que o sistema gerava um ciclo danoso que ia da exploração cruel do Planeta até a produção de lixo e poluição em níveis insuportáveis. Todos

acreditavam que consumir era igual a ser feliz. O resto tu sabes, Helena. Grandes áreas territoriais desapareceram. Populações inteiras também. Talvez estejamos agora em condições de repensar nossa presença neste Planeta e no Cosmo.

- Mas, Biso, as coisas estão assim tão diferentes do que eram? Eu vejo a minha turma tão indiferente a tudo isso.

- Muitas coisas mudaram, coisas importantes. Com o desaparecimento de boa parte da Itália a Igreja mudou-se para o que restou da América Latina. Agora estamos vendo nascer a Igreja simples e cristianizada com a qual sonhou o papa Francisco. Quanto à tua geração, observa, vocês já não vieram para combater o sistema como nós, eu, teus avós e teus pais. À tua geração cabe o agir pela não-ação. Para vocês, já não se trata de combater o sistema. O que vocês estão fazendo é ignorá-lo. Pode parecer pouco, porém eu creio ser essa uma forma mais concreta de derrotá-lo.

- Mas, o que mudou efetivamente? O mundo está melhor hoje do que era no teu tempo, ou não?

- Penso que sim. Tivemos perdas imensas. Falo da humanidade como um todo e mesmo da nossa família, tu sabes. Perdemos entes queridos. Mas o que importa é o resultado global, no sentido do Todo, toda a humanidade. Analisa o nosso passado recente. Isso é importante, para que vocês, dessa nova fase da vida sobre o Planeta, não voltem a incorrer nos mesmos erros em que incorremos. E para que saibam também compreender onde acertamos, porque em alguns pontos avançamos corretamente, eu ousou dizer.

- Onde, por exemplo?

- Veja, Helena, as previsões de Kurzweil se concretizaram. Tivemos enormes avanços na medicina graças à biologia sintética que, apoiada pela

nanotecnologia, permitiu o surgimento de *nanobots* extremamente pequenos, capazes de viajar pelo nosso sistema circulatório, destruindo células patogênicas, consertando erros do nosso DNA, destruindo toxinas e dejetos, e revertendo o processo de envelhecimento, permitindo prolongar nossas vidas. Muito em breve outras previsões de Kurzweil se tornarão reais, como os implantes biológicos que permitirão a melhoria da nossa percepção visual e auditiva, da nossa memória e raciocínio. Para 2049, será já possível pensarmos na utilização de alimentos *nano* produzidos, com as mesmas características dos produzidos organicamente.

- Eu acredito que a tia Virna não deve gostar muito dessas previsões sobre alimentos *nano*...
- Eu tenho certeza que não. E sabe por que, Helena? Porque há enormes riscos envolvidos nisso. Não esqueçamos que o próprio Kurzweil acabou comprometendo sua saúde com as muitas pílulas que tomava visando prolongar sua vida. Kurzweil, sem dúvida um brilhante cientista/tecnólogo, é bem o exemplo da absorção do enorme conhecimento que acumulamos sem a necessária internalização desse saber visando o Todo que somos e do qual fazemos parte, como dizia o profeta.
- Então, Biso, onde está o tal avanço se, afinal, você mesmo admite os riscos dessa nova tecnologia?
- Helena, é preciso compreender uma coisa. A vida se constrói sobre o paradoxo. Lembra do Yin-yang, o branco comportando o preto e vice-versa? Pois bem, nada é completamente tudo. Só o Todo.
- Espera um pouco, Biso, está afirmando que o Todo contém tudo, é isso mesmo?
- Exatamente isso.

- Então, se o Todo contém tudo, contém o bem e o mal? E, se eu bem entendi, o Todo, para você, é Deus! Assim, deixe-me ver... Deus contém o mal?
- Repito, exatamente isso. Pensa: como o Único, o Absoluto, poderia ser apenas o bem? Como poderia ser Ele metade da essência da Vida?
- Hum... não sei se gosto disto... Bem, vamos mudar de assunto. Vamos almoçar?



Findo o almoço, seguido da exposição da Virna, voltamos para casa em nossas bicicletas movidas a energia solar. Helena veio morar comigo desejosa de experimentar um modo novo de vida, mais voltado para o contato com a natureza. Virna mora próximo ao lago que nos fornece água e onde também estão localizadas as unidades residenciais com maior espaço para o plantio de hortaliças e frutas. Somos autossuficientes, ou quase isso. O velho modelo produtivo, próprio de uma sociedade dominada pelo consumismo e voltado para o uso da economia como arma de dominação, evidentemente é inadequado para nós. Por isso, embora tenhamos unidades particulares de produção, trabalhamos dentro de um planejamento racional das nossas necessidades e das nossas possibilidades, em moldes cooperativistas. Por agora, pelo menos, estamos melhor assim.



Helena é uma criança índigo. Dentro do nosso grupo familiar, nem todos foram capazes de perceber isto. Eu fui, assim como seu avô materno, além do seu próprio pai. A partir daí, nosso grupo familiar revela graus menores de compreensão, até chegarmos aos que simplesmente acham que ela “não quer

mesmo estudar”. Não é nada disso. Helena, com seu olhar penetrante, sua meiguice e beleza, sempre demonstrou ser hiperativa e distraída, porém sensível, leal e com uma gama de interesses que a escola institucional não lhe oferece. Por isso estive sempre desconforme com as atividades que lhes eram propostas, chegando a um nível de comportamento considerado de rebeldia. Eu compreendi isso muito facilmente e, por ter sido sempre aquele que melhor a acolheu com o seu modo de ser, tornamo-nos cúmplices.



- Finalmente, Biso, o senhor Brodie, vamos convidá-lo para jantar hoje conosco?

Helena é assim, brincalhona e inteligente. Essa era sua maneira de dizer que estava curiosa e queria continuar conversando sobre esses assuntos que lhe tinham sido suscitados pela leitura da minha agenda.

- Claro que sim, por que não? Há mesmo umas coisinhas engraçadas a acrescentar naquela história.

À hora da nossa última refeição do dia, Helena não espera muito para me fustigar.

- Então, e o senhor William Brodie, nosso ilustre convidado, onde foi parar? Porque, depois de abduzido daquele avião ele sumiu da história, não foi?

- Pode parecer que sim, mas não foi exatamente isso o que aconteceu...

- E o que foi, anda diga logo, estou curiosa...

- Olha, Helena, como te disse no início, sei que o relatório é real, existe mesmo, mas o restante dessa história pode ser pura lenda. Segundo o que li - embora já não lembre onde - o senhor Brodie era aquele embaixador sueco que apareceu

ante o presidente Roosevelt levando a mensagem do rei Gustavo recomendando a não utilização da energia atômica.

- Ah! Então foi isso? Realmente fantástico! E os seres extraterrestres que apareceram ao Rei sueco, de onde vieram, quem eram eles?


- Isto não sei te dizer. Mas, seria lícito supor que seriam já nossos Irmãos das Plêiades, àquela altura apresentando-se daquela maneira, lembra, pequenos seres projetados numa parede, falando inglês, etc.

- E a tal energia... como chama mesmo?

- Energia ono-zone, não é disso que falas? Bom, essa é já uma outra história, tão ou mais fantástica que a do «mister» Brodie. Mas não sei se te quero falar sobre isso agora.

- Ah! Biso, vamos lá, conta... adoro esse papo...

- Eu também, Helena, mas olha só, são 9 horas da noite, está um tanto frio e amanhã o Grupo vai reunir-se outra vez, temos muito trabalho pela frente... e como disse o Mestre, «Basta a cada dia o seu mal...». Se me permites, vou dormir. Dorme bem, minha Querida!

The background of the entire page is a complex, light gray network pattern. It consists of numerous thin, intersecting lines that form a web-like structure. Small, solid gray circles are placed at various points where the lines intersect, creating a series of nodes. The overall effect is that of a digital or neural network, with the lines and nodes extending across the entire frame.

2025: UM NOVA ERA PARA A HUMANIDADE

MARCELO ANDRADE GAVIOLI

J á eram 7h00 quando o despertador tocou pela segunda vez. Levantei-me e meu assistente pessoal virtual começou a falar sobre as principais notícias do dia enquanto eu me arrumava. Dentre as notícias que ele me apresentou, uma me chamou a atenção. Desde que os Estados Unidos declararam guerra à Coreia do Norte, o mundo mudou muito, e praticamente se dividiu entre dois blocos, cada um apoiando um país. Tanto no sentido político quanto no sentido financeiro. A notícia dizia sobre um possível acordo entre esses dois países, que poderia acabar com essa guerra.

Por meio do meu assistente, fiquei sabendo também da previsão do tempo e dos meus compromissos do dia. Quando terminei de me arrumar, fui para a cozinha tomar café da manhã. Chegando ao ambiente, as luzes se acenderam. A geladeira, conectada à Internet, me informou a quantidade de cada produto disponível e o que eu teria que comprar, mandando instantaneamente uma lista de compras ao meu celular.

É estranho pensar como a tecnologia evoluiu tanto nos últimos anos. Antes, saber o que deveria ser comprado exigia certo trabalho, e agora quem faz isso é um eletrodoméstico. Na década de 2020, tudo passou a ser conectado, desde o seu despertador, até o seu carro. Meu micro-ondas, muito mais moderno do que os de dez anos atrás, me preparou uma refeição de café da manhã reforçado, pois sabia que meu dia seria corrido.

Depois de comer, peguei minha mala com todo o material necessário para o trabalho e fui para o elevador. Moro na cobertura do meu prédio, no 96º andar. O caminho até o térreo é grande, mais de 300 metros. O elevador, de alta velocidade, chega em poucos segundos, e completa a descida quase no mesmo tempo.

No andar térreo, vou até a estação de metrô mais próxima, que fica a cerca de duzentos metros. Não preciso pagar passagem, pois só é necessário usar a sua digital, e o total é debitado automaticamente da minha conta bancária. O percurso até o trabalho é longo, até o outro lado da cidade, mas não demora muito. Trabalho em uma empresa que fabrica eletrônicos, que são indispensáveis para qualquer pessoa agora, onde atuo como Engenheiro de Produção. Meu setor, que supervisiona a produção de *tablets*, anda muito ocupado por conta da alta demanda.

Meu trabalho segue pesadamente ao longo do dia, e eu preciso achar meios de aumentar nossa oferta, inovando em novos processos de produção e logística, sempre tentando melhorar. Às 18h00, saio do da empresa e volto para casa. Vou descansar um pouco e assistir televisão, mas não preciso fazer nada para que isso aconteça, apenas sentar no sofá.

A televisão liga-se automaticamente quando percebe a minha presença no ambiente, e já seleciona alguns programas que possam ser de meu interesse, além de já deixar no canal que está passando meu filme preferido. Enquanto assisto a programação, meu celular toca, é minha namorada. A televisão se conecta com o telefone e seu rosto aparece na tela enorme em minha frente, é uma chamada por vídeo. Não usamos mais a chamada apenas por voz, pois a proximidade com a realidade é muito maior agora. Combinamos de dar um passeio pelo parque na manhã seguinte, é um sábado.

Depois de desligar o telefone, pego meu *tablet* e aproveito para checar as redes sociais e notícias do mundo. A manchete do jornal *online* que costumo ler é assustadora. O possível acordo entre os países em guerra (EUA e Coreia do Norte) que eu li de manhã não acontecera, pois a tensão entre os dois governos cresceu muito ao longo do dia, após uma ameaça de lançamento nuclear. Estava declarada a Terceira Guerra Mundial.

Noticiários de todos os canais reportavam o acontecido, e ninguém sabia quais seriam suas proporções. Fui para a cama sem saber como seria o dia de amanhã, e quais outras mudanças iriam acontecer no cenário mundial.